

ENDGAME

LINHAGEM ZERO

VOLUME 1

DESPERTAR



JAMES FREY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ENDGAME

LINHAGEM ZERO

— VOLUME 1 —

DESPERTAR

JAMES FREY

Tradução de Cássia Zanon



Copyright © 2016, Third Floor Fun, LLC.

Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Endgame: The Zero Line Chronicles – Volume 1: Incite

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Juliana Werneck

REVISÃO DE EPUB

Bruna Cezário

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-930-7

Edição digital: 2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os títulos anteriores da série](#)

[Leia também](#)

Prólogo

— Foi o primeiro assassinato que você cometeu?

— Não. Foi a primeira vez que fiz alguém morrer — respondo. — Não foi planejado. Não sou um assassino. Eu o matei, mas não sou... não é o que você pensa.

Ele está sentado diante de mim à mesa ao lado da janela no hotel. Meu pulso esquerdo está algemado ao braço de uma cadeira velha de madeira. Quando me encosto, o braço se solta. Ainda não tentei forçar o peso a ponto de tirar a algema dali. Preciso estar pronto para dar no pé. Só tenho uma chance de fugir.

— Como assim não foi um assassinato? — pergunta ele, o rosto parecendo uma máscara.

— Foi legítima defesa.

Sinto o coração no peito. Nem sei mais se estou blefando ou se é a verdade.

— Você havia acabado de matar outros dois homens. Foi legítima defesa também?

— Eu não matei dois homens.

— Então foram seus amigos.

O agente — não sei se da CIA, do FBI ou do quê — se levanta da cadeira e percorre o quarto de um lado a outro. Não sei o que dizer. Tudo o que sei é que preciso dar o fora, e rápido. A equipe está contando comigo. Não temos muito tempo.

— O policial tinha acabado de dar um tiro no peito do meu amigo — digo, após pensar rápido.

— Seu *amigo* levou um tiro no peito durante o assalto à mão armada que vocês fizeram em uma loja. Você está sendo acusado de roubo, assalto à mão armada e assassinato, e isso nem começa a explicar o que você está fazendo aqui, na Alemanha.

Ele é o único agente aqui — sozinho e burro. É do consulado americano e, claramente, não faz ideia de quem está a sua frente. Ele acha que sou um terrorista qualquer. Mas eu não sou. Faço parte da Linhagem Zero. Estamos envolvidos em algo muito maior do que a vida de um policial local. Muito maior do que um agente do FBI. Muito, muito maior do que eu. Ele está me fazendo perder tempo, e tempo é a única coisa de que precisamos a nosso favor.

— Olhe só, posso usar o banheiro? — digo. — Estou algemado aqui há duas horas.

Já examinei o local atrás de qualquer coisa útil em uma fuga. Não é uma prisão; é um hotel. Alguém dormiu na cama na noite anterior. Deve ser o quarto do agente.

Ele me encara com os olhos semicerrados.

— Vou deixar você se levantar quando terminar de responder às minhas perguntas.

Ele se inclina para a frente, tentando me intimidar.

— Por que está em Munique? Qual é o seu plano aqui?

— Quero um advogado.

— Não estamos nos Estados Unidos — diz ele. — As regras são outras.

— Outras? — repito, com um riso nervoso. — Você é americano, eu também. A Constituição protege meus direitos.

— Aqui está a lista de passageiros do seu voo. Vou ler os nomes, e você vai me dizer quem mais está no seu grupo.

— Sério? — digo, dando risada. — Você não faz ideia do que está acontecendo. Nenhuma ideia.

— Sei que você faz parte de um grupo terrorista. Que estão aqui para promover um protesto nas Olimpíadas.

— Eu não sou terrorista. Não tinha nenhum amigo meu no voo. Não estou aqui para fazer um protesto — respondi de forma direta e sincera.

— Não acredito em você, garoto.

Enquanto o agente fala, eu me recosto na cadeira. O braço não está solto o suficiente. A junta está desconectada, mas o encosto bate na parede, e não tem espaço para tirar a algema. Agarro o braço, tentando adivinhar quanto pesa.

O agente volta a se sentar, com a cadeira o mais próximo possível da mesa.

— Sei que você não está aqui sozinho. Quem mais naquele voo está trabalhando com você? Não vou perguntar outra vez.

— Você está me fazendo perder tempo — digo. — Preciso sair daqui. Não tenho tempo.

Agarro o braço da cadeira com a mão esquerda algemada.

— Se é tão importante, por que não me diz o que é?

Empurro a mesa com a mão direita, virando-a em direção à barriga do agente. Fico de pé em um salto, puxo a cadeira e a atiro nele. Ela perde um pouco de impulso ao raspar na parede, mas ainda o atinge com força. A cadeira quebra ao bater no ombro dele e na mesa, mas o braço ainda está na minha mão. Acerto o agente no rosto com o pedaço de madeira até derrubá-lo. Ele está confuso, e abro caminho por entre a mesa e os pedaços da cadeira quebrada.

Ele faz menção de pegar a arma, afastando devagar o que sobrou da cadeira. Sua cabeça sangra, e muito. Bato nele de novo com o braço da cadeira e desfiro um gancho de direita. Ele para de lutar, e eu arranco a pistola de seu coldre.

Retiro a algema do braço quebrado da cadeira e me ajoelho ao lado do agente para procurar as chaves. Eu as encontro no momento em que ele arrisca um soco fraco. Sou pego desprevenido e cambaleio ligeiramente para trás. Mas estou com as chaves e a arma dele, e seguro a pistola na mão esquerda enquanto abro as algemas.

Ele me olha. Seus olhos mal se abrem.

— Quem é você?

— Sou da Linhagem Zero. Isto é o Endgame. Estou em Munique para salvar o mundo.

Capítulo Um

Era uma linda tarde de maio quando o ônibus entrou em Berkeley. Enfim eu estava saindo sozinho, deixando para trás Pasadena, meu trabalho e meus pais. Minha mãe me dera um abraço chocho. Nunca fomos muito próximos. Eu me perguntava se ela algum dia havia sido íntima de alguém. Minha mãe era pequena, subserviente e nunca abria a boca.

Meu pai falava pelos dois. Berrava ordens pela casa desde o instante em que chegava, à noite, até muito depois de eu ter ido para o quarto.

Ele jamais desejou que eu fosse para a faculdade. Bem, para dizer a verdade, eu nunca sabia ao certo o que ele queria de mim. Depois do ensino médio, tentei trabalhar nos negócios da família por um ano — meu pai tinha uma loja de móveis — e não me lembro de fazer nada que ele aprovasse. Eu nunca atingia as metas absurdas que meu pai estipulava, e ele não fez nenhum esforço para me ensinar nada. Quando eu disse que iria para a universidade — que havia economizado para pagar o curso —, ele debochou de mim como se eu tivesse dito que entraria para o circo.

Mas eu havia guardado dinheiro — tudo o que recebera na loja de móveis e tudo o que ganhara nos verões em que trabalhei no serviço florestal. Meus amigos adoravam ir ao cinema e sair para jantar e gastar com garotas e maconha, mas eu sabia que precisava ser pão-duro se pretendia sair de debaixo das asas do meu pai.

Quando contei que iria justamente para Berkeley, ele parou de falar comigo. Foram os dois melhores meses que passei em casa.

As aulas só começariam no outono, mas consegui um trabalho como zelador para limpar os alojamentos vazios durante o verão. A universidade deixou que eu me mudasse mais cedo para um dos alojamentos que abrigava estudantes o ano inteiro, o que me

permitiu ganhar um pouco mais de grana e deixar a casa dos meus pais.

Dentro do ônibus, eu não parava de sorrir. Era tudo o que sempre quis. Liberdade. Um lugar em que eu pudesse estar no meio da ação: os protestos, os comícios, as festas, a vida e o amor livres. Queria um lugar onde pudesse ser eu mesmo, expressar minhas opiniões, ser parte de algo importante.

Eu finalmente estava lá.

Após me inscrever no prédio da administração, encontrei o alojamento e subi para o quarto 117.

— Ei! — chamou um rapaz, levantando-se em um salto quando abriu a porta. — Você é o cara novo? Eu estava esperando você!

— Sou eu.

Eu tinha uma mochila e uma sacola de viagem, que antes usava para guardar meus equipamentos de futebol. Larguei as duas na cama vazia.

— Mike Stavros.

Estendi a mão. Ele me cumprimentou com entusiasmo. Tinha a pele morena e cabelos pretos, que iam até os ombros.

— Tommy. Tommy Selestewa.

— Muito prazer.

— Por que você veio tão cedo? Me disseram que você vinha logo, mas não sei por que alguém chegaria nessa época do ano. As aulas mal acabaram.

— Para trabalhar — respondi. — Por que você ainda está aqui?

— Tentando me formar logo. Estou no segundo ano e não tenho mais nada para fazer... nenhum motivo para tirar o verão de folga. Estou pegando várias matérias.

Tommy se sentou à mesa.

— Já escolheu o curso?

— Ainda não tenho certeza. Estou pensando em planejamento urbano ou engenharia florestal. Talvez ciência política.

Eu me sentei na cama. O colchão era fino e duro.

Ele riu.

— Não se preocupe, cara, você tem tempo.

Olhei para a mesa e a estante de Tommy. Ele tinha uma máquina de escrever. Havia um livro aberto ao lado — *A república*, de Platão — e, embaixo, *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Fiquei me sentindo um pouco diminuído pelo fato de meu colega de quarto estudar filósofos tão importantes. Foi por isso que eu quis vir para a faculdade. Aprender sobre algo maior.

— Trabalhei no serviço florestal durante as férias de verão do ensino médio — contei. — Fiz parte de uma equipe de bombeiros que salvou um bairro inteiro de um incêndio florestal. O fogo vinha dos dois lados, e conseguimos redirecionar as chamas. Fiquei muito orgulhoso. Isso me deu vontade de trabalhar com alguma coisa que vá fazer diferença. Ser alguém importante. Ou, bem, *fazer* alguma coisa importante, e pronto. Não ser só um vendedor de móveis como meu pai.

— Por que estudar, então? Por que não entrar para o corpo de bombeiros?

— Até pensei nisso, mas imaginei que nos bombeiros eu seria só um cara com uma pá e uma picareta. E se eu pudesse fazer algo maior? Projetar uma subdivisão para diminuir a probabilidade de incêndios? E se eu inventasse alguma coisa? Uma espécie de aspersor de emergência, sei lá. Alguma coisa.

— Entendi — disse ele. — Então você quer combater incêndios em larga escala.

— Não necessariamente incêndios. Qualquer coisa, desde que seja algo que valha a pena. Meu velho nunca fez porra nenhuma. Eu só ainda não descobri o que fazer.

Sorri.

— E você?

— Ainda não escolhi. Estou cursando as disciplinas gerais. Acho que vou acabar na engenharia. Mas neste verão me matriculei em muitas aulas de história antiga.

— Nossa. Essas são bem diferentes.

— Eu leio muito.

Ele apontou para a estante de livros acima da mesa. As prateleiras estavam cheias de títulos como *Momentos decisivos na história antiga* e *Invenções dos deuses*.

— Tenho certeza de que logo, logo você vai ficar entediado com algumas das minhas teorias.

— Por mim está ótimo. Não tenho mais nada a fazer. Não conheço ninguém ao norte de Santa Barbara e estava com medo de o verão ser muito longo e solitário.

Tommy riu.

— Quer sair esta noite? Uns amigos e eu estávamos pensando em ir tomar cerveja e jogar bilhar. Bora?

Eu estava exausto, mas não me importei. Estava, enfim, por conta própria e mal podia esperar para comemorar.

— Claro. Que horas?

*

O Tito's era uma espelunca a cerca de 20 minutos de caminhada do alojamento. O lugar estava lotado, e Tommy me guiou em meio à multidão de alunos até uma fileira de mesas de bilhar nos fundos. Ninguém ali parecia ter mais de 30 anos, mas todos estavam mais bem-vestidos do que a média. Tommy havia trocado o jeans e a camiseta por uma calça de veludo cotelê e um suéter com zíper. Eu estava mais casual — um jeans detonado e um moletom do Rose Bowl.

Um grupo nos fundos chamou Tommy, e fomos na direção deles.

— E aí, pessoal? — cumprimentou ele. — Este é o Mike, meu novo colega de quarto. Mike, estes são o Jim, a Julia e a Mary.

— Oi — falei, estendendo a mão.

Jim a apertou. Ele era negro e usava óculos de armação prateada e boné de entregador de jornal.

— Jim Jefferson — disse ele. — Não James, muito menos JJ.

— Mike Stavros — respondi. — Muito prazer.

Mas meus olhos não estavam nele. Estavam grudados na loura sentada ao lado, a que Tommy havia chamado de Mary.

Estendi a mão para ela, que a segurou com firmeza e se levantou.

— Aqui não é uma reunião de negócios, sabia?

— Apertos de mão são formais demais? — perguntei, soltando a mão dela e rindo de mim mesmo. — Eu estava acostumado com os modos de um vendedor de móveis. Vendedores cumprimentam as pessoas com um aperto de mãos. O gesto as deixa à vontade.

Mary riu, um tom doce e melódico.

— Posso garantir que estou bem à vontade.

Ela pegou a cerveja e tomou um golinho.

— Sou a Julia — disse a moça ao lado.

Ela era negra, tinha cabelos curtos e estava com um vestido roxo estampado. Estendeu a mão, e eu a cumprimentei.

— De onde você é?

— Pasadena — respondi. — E vocês?

— Norte da Califórnia — contou Mary. — Já ouviu falar em Susanville?

— Nunca.

— Não está perdendo nada — comentou ela, dando uma risada rápida. — Cresci em uma fazenda ao norte de lá. Nós nos mudamos para Piedmont quando meu pai se aposentou.

— Também nunca ouvi falar em Piedmont — falei, e ela riu de novo.

— *Touché*, Mike.

Eu sorri.

— E como vocês se tornaram amigos?

Percebi uma troca de olhares entre Tommy e Mary. Ela balançou a cabeça de leve. Senti um aperto no estômago — esperava que isso não significasse que os dois estavam juntos.

— Julia e eu somos daqui — respondeu Jim. — Crescemos em Oakland. Nós nos conhecemos desde o jardim de infância. Você joga bilhar?

— Um pouco.

— Bola oito — disse Jim. — Você e Mary, eu e Julia.

Ele me deu um taco.

Eu tinha seis pés de altura, e Mary devia ser um pouco mais baixa. Mas era linda. Cabelos louros longos e cacheados que caíam nos ombros como uma cachoeira. Eu não queria me recusar a fazer dupla com ela, mas me virei para Tommy.

— Assim você vai ficar de fora.

— A noite é uma criança — comentou ele. — Vou pegar alguma coisa para beber. Quer algo?

— Agora não — respondi.

Julia arrumou as bolas e deu um passo para trás. Mary me olhou.

— Quer começar?

— Comece você — falei.

Nunca joguei muito bilhar, mas queria dar uma de descolado na frente daquela garota.

Ela deu a primeira tacada, e a bola 14 caiu em uma caçapa lateral.

— Vocês todos estudam em Berkeley? — perguntei.

— Sim — disse Jim, apontando para si mesmo e para Julia. — Artes. Ela pinta, eu faço escultura.

— Eu, não — acrescentou Mary, estudando uma nova tacada. — Stanford. Preparatório para Direito.

— É mesmo?

— E não é só isso — disse Julia. — Ela tem bolsa. Garota inteligente.

— Por que você está aqui se estuda em Stanford? Fica a uma hora desse lugar.

— Estou tirando um trimestre de folga — contou ela. — Faço estágio em um escritório do outro lado da baía. Divórcios e falências.

Ela revirou os olhos e acrescentou:

— Um trabalho muito animado.

Errou a tacada.

Julia tomou um gole da cerveja e se abaixou, mirando na bola 3.

— E então, Mike? — perguntou Jim. — Por que você veio para cá no verão?

— Vou começar a estudar no outono, mas consegui um emprego temporário — respondi. — Só que não é nenhum estágio em escritório de advocacia. Vocês estão olhando para o mais novo membro da equipe de zeladoria de Berkeley.

— Legal — disse Jim, rindo. — Espero que você não seja o pobre coitado que vai limpar o Wurster Hall. Meu estúdio é uma zona.

Julia errou, e chegou minha vez. Analisei as bolas para fazer uma boa jogada. A melhor delas exigia uma tacada comprida, junto à

borda da mesa. Como sabia que não iria acertar, tentei um lance mais próximo e fácil e, é claro, errei.

— De boa — falei. — Vou limpar só alojamentos vazios.

Jim era muito bom. Encaçapou três bolas antes de errar uma tacada difícil.

Tommy voltou com uma cerveja.

— Quer dizer que você vai fazer Direito, é? — comentei, enquanto Mary se debruçava para jogar. — No que você quer se especializar?

— Melhor perguntar no que eu *queria* me especializar. É provável que eu abandone as aulas. A principal coisa que aprendi sobre o Direito é que eu o odeio. Anotar tim-tim por tim-tim os termos de um acordo de divórcio também me fez jurar jamais me casar.

— John! — gritou Tommy.

De uma vez só, o grupo todo se virou. Alguém vinha em nossa direção com um sorriso enorme no rosto. Todos se alegraram ao vê-lo.

— Tommy!

O cara acenou enquanto se aproximava. John era alto e usava uma calça jeans e a jaqueta mais incrível que eu já tinha visto na vida. Era de brim, mas toda coberta de bordados nas costas, nos ombros e nos braços. Detalhes muito coloridos — flores, espirais e um símbolo da paz.

Era evidente que todos ali o conheciam. Ele cumprimentou as pessoas no bar e abraçou uma das garçonetes.

— E aí, meu irmão? — perguntou Jim, abraçando-o e batendo com força em suas costas.

John beijou Julia e Mary na bochecha.

Quando chegou a vez de Tommy, os dois deram uma espécie de aperto de mãos secreto.

— Tudo em cima, pessoal. Dia bacana.

Ele se virou para a garçonete e gritou:

— Traga uma rodada de... o que estão bebendo? Tem cara de ser três cervejas e um... o que é isso, Julia?

— Um Jack.

— Três cervejas e um Jack, e eu vou querer um uísque escocês e uma água.

Ele se voltou, notando minha presença.

— Quer uma bebida?

— Não, obrigado. Estou bem.

— Você que sabe. Sou o John, cara. Muito prazer.

Ele estendeu a mão, e eu a apertei.

— Mike.

— Legal — respondeu ele, me dando um tapa no ombro. — Você veio com quem?

— Tommy — contei. — Divido o quarto com ele. Acabei de chegar de Pasadena, e é a primeira vez que saio para conhecer a noite de Berkeley.

— Então será uma boa noite. Como você não está bebendo, precisamos subir o nível do discurso.

Tommy riu.

— Um nível mais alto que o da cerveja e do bilhar?

— Vocês viram o jornal hoje? — perguntou John ao se sentar.

Olhei a mesa de bilhar. Era minha vez.

— Não — disse Julia, franzindo a testa. — Passei o dia todo no estúdio. O que está rolando?

— O babaca disse que vai minar o porto de Haiphong.

— Que babaca? — perguntei.

Dei uma tacada e errei por dois centímetros.

— Não o chamamos pelo nome — disse Jim dando uma risada.

Mary riu.

— Se você disser Nixon três vezes diante de um espelho, ele aparece.

— O que é o porto de Haiphong? — perguntei.

John tirou o chapéu e revirou-o nas mãos.

— Não está ligado na geografia do Vietnã?

— Sei onde Hanói e Saigon ficam — expliquei. — Além de Ho Chi Minh Trail e do golfo de Tonkin.

— E o que você pensa sobre a guerra, posso perguntar?

Foi a vez de Mary, que encaçapou a bola 5 na lateral. Levantou a mão ao passar por mim, e eu a cumprimentei com um tapinha.

— Boa tacada.

— Obrigada.

Ela se preparou para jogar de novo.

— Meu pai diria que o objetivo da Guerra do Vietnã é evitar que o comunismo se espalhe e também fortalecer nossa aliança com a Austrália — contei a John. — Trabalhei com ele das nove às sete quase todos os dias do último ano, vendendo móveis, e ele dizia isso pelo menos quatro vezes por semana.

John sorriu e colocou o chapéu novamente.

— E o que você me diz?

— Acho que estamos mandando garotos para morrer lá só para o presidente dizer que estamos fazendo algo a respeito da “ameaça comunista”, com a falsa crença de que, por sermos uma superpotência, temos o direito de invadir qualquer país que quisermos.

Mary acertou a bola 7 e se levantou.

John assentiu, e a garçonete chegou. Ela colocou as bebidas na mesa ao lado dele. John pagou pelos drinques e, pelo que vi, deu uma gorjeta bem gorda para ela.

— E hoje o cretino disse que vai encher de minas o porto de Haiphong, o principal do norte do Vietnã — continuou. — Há navios militares naquelas águas, mas isso vai afetar principalmente as importações, como as de comida e medicamentos. Sim, prejudicará o exército, mas certamente será pior para os civis.

Jim me cutucou.

— Ele esteve lá.

— Você é veterano? — perguntei a John.

Ele me encarou e arregaçou a manga da camisa. Havia uma tatuagem de caveira com uma boina verde.

Mary veio até mim.

— Vai jogar? Não quero ganhar sozinha.

— E ela poderia mesmo — comentou John.

Eu me levantei. Ele parecia mais velho do que todos os outros. Parecia vivido.

— John, o que você faz? — perguntei.

Ele suspirou, um suspiro lento e profundo.

— É uma longa história.

Mary puxou meu braço.

— Vamos lá.

Ele sorriu.

— Chama-se Endgame. Agora vá jogar.

Capítulo Dois

Eu me sentei em um dos sofás e observei Jim e Julia jogarem Bola nove. Mary ficou comigo a noite toda, o que me surpreendeu, mas eu não quis questionar. Acho que uma garota como Mary nunca sequer olhou para mim, mas ali estava ela me puxando até o sofá pela mão, sem pressa de ir embora. Tommy nos acompanhou e se acomodou na cadeira ao lado. Ele apoiou os pés na mesa de centro, e esperei que John se juntasse a nós.

— Então como você conhece todo esse pessoal? — perguntei de novo, mais para quebrar o silêncio do que por interesse.

Mary fez um gesto de indiferença com a mão.

— Ah, não quero falar sobre eles. Fale sobre você. Quem é Michael Stavros?

Respirei fundo.

— Bem, já contei as coisas relevantes. Vim para Berkeley para tentar fazer alguma coisa mais importante do que vender móveis. Mas, por enquanto, sou zelador. Chique, não?

— Não se sinta mal — disse ela. — Eu trabalhava em uma lanchonete antes de conseguir o estágio. Provavelmente vou voltar para lá quando as aulas começarem.

— Achei que você tivesse bolsa.

— A bolsa paga os estudos e só. Meu pai tem muito dinheiro, mas quer que eu faça minha contribuição, que é um dólar e sessenta e cinco centavos por hora, quinze horas por semana. Poderia ser pior. Antes ele não queria nem que eu fizesse faculdade.

— Você devia ser zeladora. Eles pagam um dólar e oitenta.

— Prefiro fritar hambúrguer.

— E o estágio? Você não ganha nada?

— Não. Mas tudo bem, porque eu não faço nada mesmo. Preparo café, faço anotações em reuniões e levo cantadas de homens que

estão se divorciando. Mas tenho uma mesa com janela no décimo oitavo andar, e minha mãe me levou para comprar roupas sociais. Foi divertido. Você devia me ver com a roupa do trabalho. Fico com cara de republicana.

— Uau — comentei, dando uma risada. — Posso ver você como uma das maiores advogadas da cidade.

Ela fez uma careta.

— Você ainda não me conhece muito bem. Eu deveria ser paga só por ter que usar salto alto todo dia. Sou uma garota do interior. Detestei deixar a fazenda e me mudar para cá. Me dê umas botas e um rifle, e estou feita.

— Eu gostava disso em Pasadena. Em dez minutos é possível atravessar as montanhas e sair da cidade. Ah, é mentira. Não gosto de Pasadena. É provinciana demais... era essa a palavra que eu queria? É muito sem graça. Nada acontece.

Dei uma risada e acrescentei:

— O que eu gostava de lá era o quanto é fácil sair de lá.

— Não conheço. É perto da Disney?

— Mais ou menos uma hora. Se no fundo você ainda é uma menina do interior, como entrou para o Direito?

— Eu gosto de discutir — comentou ela, rindo.

John sentou-se conosco e pôs o pé na mesa de centro. Estava de bota — parecia couro de crocodilo.

— Mike, me responda uma coisa.

— Claro — falei. — Qualquer coisa.

— Não conheço Pasadena, mas saiu no jornal uma coisa há umas semanas. Fiquei pensando. Teve um incêndio em um apartamento. Um cara saiu de lá a salvo, mas voltou para o prédio. O corpo dele foi encontrado em um corredor. A suposição era de que ele estava batendo em todas as portas. Só que ele não era o zelador do prédio. Os vizinhos disseram que ele era tranquilo, mas ninguém o conhecia de verdade.

Assenti com a cabeça. Eu tinha ficado sabendo sobre o incêndio.

— E qual é a pergunta?

— Por que ele voltou para o prédio? Ele havia se salvado. Os bombeiros estavam lá.

— Você quer detalhes de um nativo de Pasadena? Ou só minha opinião?

— Só sua opinião — respondeu John. — Hipoteticamente. Digamos que você seja o cara.

— Acho que ele era apenas um cara legal. Queria ajudar. Fez mais do que precisava.

Uma garçonete trouxe outro uísque com água para ele, que não parecia ter pressa para beber.

— Sabe, os missionários mórmons bateram na porta da minha casa uma vez. Eles têm um ditado que diz: “Todo homem que tiver sido advertido deverá advertir seu próximo”. Tem certeza de que não quer uma bebida?

— Não — respondi, e decidi mudar de assunto. — Fale sobre aquele jogo. Como é?

— O Endgame? — perguntou John, tomando um gole.

— É bem assustador — disse Tommy.

Mary apertou minha mão.

— Tem muita coisa para explicar — falou John. — Levaria horas para contar a história toda. Vou começar com uma pergunta... o que você pensa a respeito do fim do mundo?

Por um momento eu ri, porque não achei que ele estivesse falando sério. Mas fui o único a achar graça.

— O fim do mundo? Não sei. Minha mãe é quem vai à igreja. Ela é batista. Eu nunca prestei muita atenção. Chuva de fogo e enxofre e todos os pecadores indo para o inferno e as pessoas boas indo para o céu. É algo assim, não? Por que isso é importante?

— Você quer saber sobre o Endgame, certo? Mary, fale o que você sabe — pediu John.

— O que eu sei? Ou o que me ensinaram no catecismo?

— Primeiro o que ensinaram.

Ela afastou algumas mechas soltas do rosto.

— Fui criada em família católica. A Bíblia diz que Cristo vai voltar e que ninguém sabe quando. Os maus ficarão cada vez piores, e o Anticristo virá e o mundo todo vai desmoronar. Por fim, Cristo chegará para purgar os maus e julgar a todos. Foi o que me ensinaram, pelo menos.

Sorri, primeiro para ela e depois para John.

— Nós realmente estamos sentados em um bar falando sobre o fim do mundo? Sabem do que eu estaria falando se estivesse em casa? Móveis. E se eu saísse com os amigos, o que nunca tinha tempo de fazer, nós conversaríamos sobre beisebol. E eu odeio beisebol.

— Ah, é só porque você nunca assistiu a um bom jogo de beisebol — comentou John com uma risada. — Mas, sim... o fim do mundo. É uma loucura. É preciso ser meio doido para tratar desse assunto. Tommy, e você? No que você acredita?

Tommy revirou os olhos.

— Eu sou Hopi. Tudo é diferente para nós.

— Eu sei, mas gosto de escutar — disse John. — E vai ajudar o Mike a entender.

— Supostamente, há nove sinais. O primeiro é que os brancos irão chegar. Como vocês sabem, isso já aconteceu.

Tommy riu.

— Há profecias a respeito de carroças cobertas, gado com chifres e telescópios. Mas tudo se resume ao nono sinal. Todos os outros já aconteceram. Hoje estamos no Quarto Mundo, e a nona profecia diz que vamos ouvir um estrondo nos céus e ver uma estrela azul. A Estrela Azul Kachina será revelada e levará os fiéis ao Quinto Mundo.

— E o que acontece com quem não for Hopi? — indaguei.

Ele apontou para Mary.

— O que acontece com quem não for católico?

John tomou um gole da bebida, me olhou e disse:

— O que você acha que vai rolar?

— Holocausto nuclear — respondi. — Mais cedo ou mais tarde.

— E você não acredita em um deus ou um kachina ou no Arrebatamento ou em qualquer coisa do tipo?

— Não estou dizendo que não existe um deus. Só estou dizendo que nunca acreditei, como você.

John me olhou com cuidado.

— Eu não acredito em Deus. Eu acredito no Endgame.

— O quê? — perguntei. — Que religião é essa?

— Não é uma religião. É o fim do mundo. Pode começar a qualquer momento. Sei lá.

Olhei para Tommy, que me encarava como se esperasse que eu dissesse alguma coisa. Mary ainda segurava minha mão, mantendo a garrafa de Budweiser na outra. Ela retribuiu meu olhar, nossos rostos muito perto um do outro.

— É por isso que eu nunca bebo — falei e ri. — Vocês estão me assustando.

— Gostei de você, Mike.

John se recostou, rindo.

— Olhe só, quando você começa a trabalhar?

A mão de Mary roçou na minha, mas tentei me focar em John.

— Ahn... só semana que vem.

— Neste fim de semana vai rolar um encontro com vários amigos. Na fazenda de Mary. Vamos só pescar, praticar tiro ao alvo e fazer caminhadas. Vem com a gente... vai ser divertido.

— Valeu, cara. Mas não tenho carro.

— Não tem importância — disse John. — Pode pegar uma carona com alguém. Por que não vai com a Mary?

Ela assentiu com a cabeça, animada.

— Tenho o velho Buick do meu pai. Posso pegar você.

— Vamos lá, Stavros. Vai ser legal. Você precisa ir — insistiu Tommy.

Eu nunca havia feito nada parecido. Nem de forma tão espontânea.

— Bem, eu não sei atirar e não pesco desde meus tempos de escoteiro, mas, claro, vai ser legal.

Eu estava feliz. Havia encontrado um grupo de amigos com os quais poderia me juntar. E, por um instante, me esqueci de todo aquele papo de fim do mundo, e John pagou mais uma rodada de bebidas.

*

Tommy e eu voltamos a pé para o alojamento. Ele estava bêbado — jogamos bilhar por duas horas sem parar. Considerando que era meu primeiro dia na faculdade, aquele foi um dia muito legal. Conheci gente nova, inclusive uma garota linda que ficou ao meu lado a maior parte da noite. Eu não fazia ideia do porquê — não sabia o que ela pretendia.

Eu esperava que significasse *alguma coisa*.

— Tommy, há quanto tempo você conhece a Mary?

— Não muito. Comecei a andar com eles só... ahn... lá pelo semestre passado.

— Então você é novo no grupo?

— Sou — confirmou ele, as palavras ligeiramente arrastadas por causa da cerveja. — Acho que sim. Ela está no grupo há não muito mais tempo que eu. Mas, volta e meia, tenho a sensação de que ela conhece John desde sempre.

— Desde sempre?

— Há muito tempo. Sei lá. Mais do que um ano, pelo menos. Você está interessado nela?

— Ah, estou.

— Ei, cara, maneiro. Ela não faz meu tipo mesmo.

Viramos em uma rua sem iluminação pública.

— Uma garota linda com olhos azuis profundos e cabelos louros não faz seu tipo? Ela tem bolsa para estudar em Stanford, então dá para notar que também é inteligente. Qual é seu tipo, então?

— Gosto de morenas.

— Bem, você perdeu, e eu ganhei.

Tommy piscou para mim.

— Isso quer dizer que você vai nos acompanhar na viagem à fazenda?

— Um fim de semana inteiro com a Mary? — falei. — Está brincando? Claro que vou.

Eu realmente queria ir — e não apenas por causa de Mary. Tinha na cabeça uma imagem de como deveria ser a vida em Berkeley e, de repente, passei a vivê-la. Saindo com amigos, falando sobre assuntos importantes — a guerra, o governo. Até mesmo o fim do mundo.

É claro que, naquela altura, eu não fazia ideia de onde estava me metendo.

Capítulo Três

Às cinco da manhã da sexta-feira, todos nos encontramos no estacionamento do mercado, e fiquei impressionado com quem apareceu. Achei que seria apenas nosso grupo, mas era muito mais gente. Havia as pessoas que eu conhecia — Mary, Tommy, Jim, Julia e John —, mas também muitas pessoas que eu nunca tinha visto.

Tirando uma muda de roupas, eu não estava levando nada, mas a maioria levava varas de pescar, espingardas ou rifles. Quando chegamos lá, Mary me deu um abraço apertado. Ela cheirava a flores, e deixei meu rosto afundar em seus cabelos. Meu coração acelerou diante do possível significado daquele abraço. Mas então ela deu o mesmo abraço em Tommy e em John. Vai ver ela gostava mesmo de dar abraços.

Mary parecia ser a garota mais nova ali, e eu era provavelmente o cara mais novo. Eu me apresentei a todos.

— Vamos nos divertir à beça — disse uma menina chamada Kat, sorrindo para mim.

Era uma enfermeira supermagra de vinte e poucos anos. Também me deu um abraço e sussurrou ao meu ouvido:

— Isso pode parecer uma loucura no começo, mas você vai adorar.

Como?, pensei. Pareceu uma coisa tão estranha de se dizer. Imaginei que ela quisesse dizer que eu adoraria o grupo — a pescaria e os tiros.

— O mais velho — perguntei a Kat. — Quem é ele?

— Aquele é o Rodney. E ele só tem trinta e dois anos — respondeu ela. — Não é velho. É a barba dele. Mas você precisa conhecê-lo. Ele tem uma delicatessen em Oakland. E fique ligado: ele vai convidar você para pescar e vai apostar quem pega o

primeiro peixe. Não caia nessa. Juro, ele pesca um robalo de quinze libras em um buraco.

Mary se aproximou, pegou minha mão e me levou até o carro dela.

— Como é um cupê, só tem lugar para nós dois — explicou.

— Ótimo — respondi.

Estava vestindo calça jeans e uma camiseta que exibia suas curvas, e não acreditei que Tommy não se interessasse por ela. Mary era linda. Os cabelos longos estavam soltos, e a pele era macia e aquecia minha mão. Mal acreditei em quanta sorte eu tinha porque ficaria sozinho com ela durante todo o trajeto.

Depois que todos chegaram no mercado — havia oito carros e 21 pessoas —, Mary e eu saímos do estacionamento e seguimos para o oeste. A fazenda onde ela morou ficava cinco horas ao norte. Eu tinha ouvido dizer que aquela região era bonita, e ela disse que havia lagos, rios e colinas na propriedade da família.

— Seus pais sabem que você está indo para lá?

— Por que está perguntando isso? — disse ela, entortando a cabeça.

— Só curiosidade.

— Não — respondeu ela, ficando com a expressão tensa de repente. — Eles não sabem. E não podem saber, senão me matam.

— Então precisamos manter tudo em ordem e arrumado?

— Exatamente.

Mary me olhou e percebeu que eu sorria. Seu rosto ficou descontraído, e ela riu.

— Mas, sério, meus pais não vão muito à fazenda. Então não se importam. Na primavera, meu pai vai até lá para se certificar de que as cercas estão em pé e, no outono, ainda nos leva para caçar. A fazenda é muito grande... já comentei? Tem cinquenta e cinco mil acres.

— Nossa!

Quando trabalhei no serviço florestal, descobri que alguém podia se perder de verdade em uma área grande como essa. Podia cobrir cadeias de montanhas inteiras.

— Meu irmão mais velho tem um mercado em Klamath Falls, no Oregon. Estamos sempre esperando que ele diga que quer começar a criar gado, mas ele ainda não fez isso. A mulher dele é de lá, e acho que não quer sair. Mas, por enquanto, tudo vai bem para a LZ.

— LZ?

— Ah — disse ela, me olhando, como se talvez tivesse dito algo que não deveria. — Somos nós. Nosso grupo. A Linhagem Zero.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer... basicamente, quer dizer que nós nos consideramos uma família. Às vezes as pessoas falam de suas linhagens, não falam? Nós, o grupo, nos denominamos Linhagem Zero. Somos um tipo de família.

— Gostei da ideia — comentei. — Deus sabe quanto quero distância da minha família.

Mary riu. Eu adorava a risada dela: tão rápida e leve.

— Por falar em família, onde eles acham que você vai estar no fim de semana? — perguntei.

Mary riu de novo.

— Na faculdade, em um workshop. Tem coisas que a gente não quer contar aos pais, sabe? Eles não são as pessoas com mente mais aberta do mundo. Meu pai... não se preocupe em entrar escondido na fazenda. Ele não se importaria muito. Mas se soubesse que eu estava com um garoto de Berkeley, acho que piraria.

— Liberal demais?

— Meu pai é católico fervoroso, um velho caubói que vota no Nixon. A simples ideia de você querer estudar planejamento urbano é suficiente para ele achar que você é um hippie maconheiro com ideias irreverentes e objetivos imorais. Ele acha que um homem deve trabalhar com as próprias mãos. Que deve construir a si próprio com grandes planos de ser autossuficiente.

— E isso funcionou com o resto da família?

— Bem, eu sou a caçula — contou ela. — E estou na faculdade com bolsa de estudos, que foi a única maneira de ele me deixar fazer um curso superior. Caso contrário, seria secretariado. Detesto dizer, mas meu pai é um pouco... bem, mais do que um pouco... machista. Minhas duas irmãs mais velhas se casaram com homens

que meu pai aprovou. Homens iguais a ele. Uma se casou com um fazendeiro do sul da Califórnia. Eles plantam abacate e alcachofra. A outra se casou com um empreiteiro que constrói mansões modernas em San José. E quanto aos meus dois irmãos: um tem um mercado, de que já falei, e o outro é médico... e foi convocado para a guerra. A mulher dele, Bonnie, mora conosco. Ela também é médica, e acho que meu pai fica louco da vida porque minha mãe está criando a bebê deles enquanto Bonnie trabalha.

Ela me olhou e sorriu.

— Estou falando demais. Sua vez.

— Não tenho muito a dizer. Tenho um pai que... bem, ele é um cretino. Não é como seu pai... um homem de princípios. Pode-se dizer que seu pai é machista, mas o meu é trambiqueiro e mentiroso. Trabalhei na loja de móveis dele, e ele inventava histórias, aumentava preços e enganava pessoas que precisavam de alguma coisa. Ele só se safava porque é a única loja na cidade, o lucro todo vem dos mais velhos, que não se deram conta de que há outras lojas na grande Los Angeles. Eu juro, uma vez ele vendeu uma escrivaninha e, quando a cliente estava preenchendo o cheque, explicou a ela que cada gaveta custava cinco dólares a mais. Tentei encontrar outro modo de descrevê-lo, mas a única coisa que me ocorreu é cretino, e pronto. Ele fica na rua até tarde e, quando volta para casa, bem...

Ela permaneceu calada, e eu comecei a me perguntar se ela estava escutando, mas, por fim, falou.

— É por isso que você não bebe.

— O quê?

— Você não bebe. Porque seu pai é um bêbado... e um cretino.

Fiz uma pausa.

— Ah... é.

— Ele bate na sua mãe?

— O quê?

— Ele bate na sua mãe? Você não precisa responder.

Eu não sabia o que dizer. Não gostei de ver que Mary conseguia me enxergar com tanta clareza. Mas ela tinha razão.

— Bate.

- E em você?
- Às vezes.
- Sinto muito — disse ela, segurando minha mão.
- Tudo... — falei, então parei. — Tudo bem. Eu saí de lá. Não vou ser como ele. Preciso ser diferente. Preciso fazer alguma coisa verdadeira.
- Então, que bom que você está aqui com a gente.

*

Seguimos em silêncio a maior parte do restante do caminho. Caí no sono e sonhei com móveis até Mary me acordar quando a caravana entrou em Susanville, a cidade em que ela havia nascido. A fazenda ainda ficava dali a mais de 45 milhas, em uma saída por uma fileira de colinas, escondida da maior parte das casas e das construções. Mary falou sobre uma bomba d'água e um pomar pelos quais passamos, e fiquei apenas ouvindo e imaginando o que havia pela frente.

Chegamos a uma saída que passava debaixo de um arco feito com três grandes troncos — um de cada lado da estrada e outro atravessado por cima. No tronco transversal estavam entalhadas as palavras FAZENDA PINHEIRO DOURADO. Alguns carros já haviam chegado.

— É aqui! — disse Mary, empolgada.

Ela saltou do banco e correu até o portão fechado com cadeado.

Atrás do portão, não se via muito mais que mato verde e amarelo, subindo até a floresta cobrir o alto da colina: abetos altos, retos e brancos; zimbros baixos e atarracados; e pinheiros cinzentos, tortos e caídos. Aquilo me lembrou da época do serviço florestal.

Mary abriu o cadeado e o portão. Assumi o volante do Buick e passei com o carro após todos terem entrado. Em seguida ela fechou o portão e, com a palma da mão, recolocou o cadeado e o trinco.

— Não dá para ver a casa da estrada — disse ela, sentando-se no banco do passageiro. — Senão, eu ficaria preocupada de trazer

tantos carros para cá. Os vizinhos não ficam perto, mas todos passam por esta estrada.

Subimos e descemos um espinhaço, e a estrada fez uma curva suave por entre as árvores.

— Aqueles são os pinheiros cinzentos mais altos que já vi — comentei.

Mary abriu um sorriso saudoso.

— Não sei muito sobre eles, mas as pinhas são imensas. A gente colecionava quando era criança.

A casa da fazenda atendia às minhas expectativas: uma casa grande com cumeeiras e rodeada por uma varanda. As paredes eram revestidas de tábuas de cedro vermelho, e as cercas e esquadrias estavam pintadas de branco. Havia espaço suficiente na frente para todos os carros, e eu fui o último a parar em uma vaga.

Todos saíram e esticaram as pernas. Um dos caras — Bruce, de mais ou menos 25 anos, dono de braços musculosos cobertos de tatuagens e um cavanhaque bem aparado — pediu uma cerveja, e o pessoal começou a descarregar os carros. Mary me levou até a porta da frente e a destrancou.

— Foi aqui que você foi criada?

— Foi — confirmou ela. — Até os doze anos.

— Lugar maneiro.

O primeiro andar era quase inteiramente aberto, e o andar superior era sustentado por imensos troncos de árvore. Havia uma cozinha à esquerda e uma mesa de jantar imensa. Cabíamos quase todos sentados — havia 18 cadeiras.

John chegou por trás de nós.

— Quem quer praticar tiro ao alvo? — perguntou ele.

Eu só havia disparado uma arma uma vez — pessoas que ocupavam uma posição tão baixa na hierarquia do serviço florestal como eu dispunham apenas de spray de pimenta para lidar com guaxinins furiosos. Guardas de caça e alguns guardas de parque tinham pistolas. A única arma que eu havia usado antes tinha sido um rifle calibre .22 no acampamento dos escoteiros. Mesmo lá, só tínhamos cinco balas. A maior parte do treinamento tratava de segurança e manutenção de armas.

— Venha aqui, Mike — chamou Mary, e nós três entramos em um cômodo escuro.

Ela abriu as persianas, e a luz revelou um grande cofre de armas no canto do quarto.

— Este é o quarto dos meus pais — disse, indo até o cofre e se abaixando para abrir o cadeado de segredo.

Ela virou os números para um lado e para outro, depois voltou, e o cofre se abriu em silêncio, revelando oito armas.

— Você aguenta receber um coicezinho? — perguntou-me John.

— Acho que sim.

Tudo aquilo estava parecendo meio estranho.

— Vocês gostam muito de atirar? — perguntei.

John riu.

— Você vai pegar o jeito. É um ótimo redutor de estresse. Vamos pegar o M14. E o 30.06 — pediu John, tirando os rifles do cofre.

Mary pegou o rifle ao qual John se referiu como sendo um Winchester 94.

— Ganhei este quando fiz dez anos — contou ela.

Trinta minutos depois, eu estava na área de tiro. Havíamos ido até um ponto em que a estrada sinuosa de terra se estendia por uma clareira ampla, um cânion. Éramos seis: John, Mary, eu e três pessoas que conheci aquele dia: Molly, uma aluna alta e meio ruiva de Berkeley com um sotaque britânico; Larry, um baixista de vinte e poucos anos que trabalhava em um estúdio de gravação; e Walter, um sujeito despenteado de barba espessa que raramente falava e que ficou ao lado de John desde que chegamos à fazenda. Não soube dizer a idade dele, pois a barba cobria boa parte do rosto. Mas, como quase todo mundo no grupo era muito jovem, imaginei que ele tivesse uns trinta e poucos.

A área de tiro era grande, com árvores marcadas com tinta spray laranja designando a distância — de 50 a 500 jardas.

Walter arrumou os alvos: garrafas em cercas, alvos de papel grampeados às árvores e latas de cerveja em troncos caídos.

— É uma boa arma — disse John a Mary ao inspecionar a M14. — É a versão para civis da arma que usei no Vietnã. Balas grandes. As novas M16 são um horror. Travam pra caramba e não têm o mesmo

poder de parada. Conheci caras que desistiram das armas que carregavam e passaram a usar AK-47s soviéticos de vietcongues mortos.

Ele parecia muito bacana, um fodão. Apostava que John tinha histórias incríveis da guerra. Torcia para que ele as contasse em algum momento do fim de semana.

Walter voltou da área de tiro, e John me entregou a M14.

— Sabe atirar?

— Mais ou menos.

A arma pesava uma tonelada, e eu achava difícil ver os alvos. Não era em nada parecida com a .22 que eu manuseei quando garoto.

— Escolha um alvo fácil, a cinquenta jardas — ordenou John. — Agora, fique apoiado em um dos joelhos. Sente-se na lateral ou no calcanhar do pé direito. Não, não apoie o cotovelo no joelho. Só deixe o cotovelo o mais baixo possível quando for mirar. Esse braço deve sustentar todo o peso da arma. Parece um pouco desconfortável no começo, mas dá mais equilíbrio. O coice não é tão ruim.

Fiz o que ele disse, dobrando a perna direita sob o corpo. Era esquisito segurar uma arma tão grande, mas parte de mim achava que talvez eu estivesse parecendo tão descolado quanto John.

— Ótimo, agora traga a arma até o rosto e pressione-o na coronha. Isso, assim. Ponha o dedo no gatilho. Não o empurre... isso vai desviar a mira. Apenas aperte o gatilho. E faça isso com gentileza: aperte até sentir uma resistência e, quando disparar, bem... como posso descrever? Surpreenda-se com o tiro. Não fique tenso nem na expectativa... senão, quando apertar o gatilho, vai se encolher e errar. Muito bem, quando estiver pronto, pode atirar.

Mirei em uma garrafa de cerveja e, seguindo as instruções de John, apertei o gatilho.

A arma saltou, empurrando meu braço com mais força do que eu esperava. E, quando olhei o campo, vi a Budweiser ainda de pé.

John sorriu para mim.

— Um solavanquinho, né? Tente de novo.

Obedeci às orientações dele e por fim, no terceiro tiro, acertei a garrafa, estilhaçando o vidro. Ele bateu palmas e riu, depois colocou

duas caixas de munição em cima da pedra ao meu lado.

— Divirta-se.

Então, ele foi embora e começou a atirar com o próprio rifle. Mary também estava praticando tiros. Sua arma tinha uma mira, e ela atirava nos alvos mais distantes. Levantei e a observei por um instante, com atenção. Não me importei em encará-la, pois ela era a melhor atiradora que já vi. Ainda assim, não era lá grande coisa — aquilo tudo era novo para mim.

Ao longo da hora seguinte, fui me aprimorando cada vez mais em acertar os alvos de curta distância e em seguida passei para os mais distantes, que eu errava com frequência. Quando as latas e garrafas terminaram, começamos a mirar em qualquer coisa: pinhas, tocos de árvores e as marcações em tinta spray laranja nas árvores. Quando acabei com a munição, meus braços e meu ombro doíam como se eu tivesse me envolvido em uma briga. Eu havia sido da equipe de boxe no começo do ensino médio — a única coisa que meu pai apoiara. Gastar duas caixas de munição de M14 em tiros me deu a impressão de estar de volta aos ringues.

Quando o sol começou a se pôr, voltamos para a casa. Tivemos um jantar farto com bifes e batatas que Bruce havia preparado enquanto atirávamos. Todo mundo conversava e ria. Eu me senti como se estivesse no jantar de uma grande família — da maneira como sempre quis me sentir com minha família. Após o jantar, todos nos reunimos ao redor de uma fogueira atrás da casa, perto de um riacho. Havia troncos para nos sentarmos, e me acomodei ao lado de Tommy. Teria ficado junto de Mary, mas estava com a impressão de ter passado o dia todo com ela, e não queria pesar a mão.

— Muito bem, pessoal — disse John depois que todos se sentaram. — Vamos começar. Vocês todos vêm trabalhando há um mês, desde a última vez que nos encontramos aqui. Vamos compartilhar nossas descobertas.

Ele se virou para mim.

— Mike, sei que você é novo no grupo e ainda não sabe muita coisa sobre nós ou o que fazemos. Por enquanto, apenas assista e escute, certo?

O que fazemos? Assenti com a cabeça. O que mais eu poderia fazer? Todos se viraram para mim, e foi como se eu tivesse perdido a voz por um instante.

— Então — disse John. — Vamos lá.

Tommy levantou a mão.

— Estudei as pirâmides de Gizé. Descobri um monte de coisas esquisitas. Coisas que parecem não ter uma explicação simples.

John apontou para ele e disse:

— Vá em frente.

— Primeiro, todos sabem o que é pi? É uma constante matemática que é a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. Faz muito tempo que as pessoas conhecem esse número, mas ele aparece em lugares esquisitos. Por exemplo, a Grande Pirâmide: se pegarmos o perímetro da pirâmide e o dividirmos por duas vezes a altura, o resultado é o pi. Por que será?

Ele continuou:

— E mais uma coisa. A pirâmide, como a maior parte dos monumentos erigidos na Antiguidade, foi construída de forma a apontar com perfeição para o norte e o sul, o leste e o oeste. E o mais louco é que não se usou uma bússola na construção. Quer dizer, as primeiras bússolas apareceram só dois mil anos depois, e, mesmo assim, a pirâmide não aponta para o norte magnético, o que aconteceria se uma bússola tivesse sido usada. Ela aponta para o norte verdadeiro. Como é possível?

Do que diabo esses caras estavam falando? Aquilo era um grupo de estudos? No serviço florestal eu nunca vi alguém que estivesse acampando, pescando e praticando tiro ao alvo se reunir ao redor de uma fogueira para falar de arqueologia antiga.

Barbara, uma garota bonita mais ou menos da idade de Kat — 22 ou mais — com um rosto redondo e covinhas, se pronunciou:

— Li sobre os astecas, e eles estão estranhamente ligados às pirâmides no Egito. Primeiro, em Teotihuacan, está a Pirâmide do Sol, cuja base é quase idêntica à da pirâmide principal de Gizé. A diferença é de centímetros. Uma loucura. E ainda tem o Templo de Quetzalcoatl e a Pirâmide da Lua. E essas três estão alinhadas de forma quase perfeita com as três pirâmides no Egito. É um mistério.

Como podem duas culturas, separadas pelo oceano Atlântico e três mil anos, terem qualquer conhecimento uma da outra?

— Bem, eu estudei sobre Atlântida, e há... — contou Larry.

— Espere um minuto — interrompi. — Pare.

Eu não tinha a intenção de dizer nada em voz alta, mas as palavras simplesmente saíram da minha boca.

— Do que estamos falando? Arquitetura antiga? Por que a circunferência de edifícios antigos é importante? Isto aqui é um grupo de estudo ou coisa parecida?

Todos estavam em silêncio, esperando que John respondesse. Mary me olhou e abriu um sorriso simpático, quase de pena.

— Mike — disse John, por fim. — Isto é o Endgame.

Capítulo Quatro

— De que diabo você está falando?

As palavras escaparam em uma explosão de novo. Até então eu não havia me dado conta de quanto estava ficando nervoso e tenso. Eu achava que o fim do mundo, o *Endgame*, era só conversa de bêbado. Algumas cervejas além da conta levaram a uma conversa sobre a guerra se voltar para o apocalipse. Mas aquilo estava se tornando sério demais para mim, e rápido demais. Eu me senti como se estivesse no meio de uma seita bizarra.

John me encarou por vários segundos. Eu não fazia ideia do que se passava pela cabeça dele.

Mary se levantou.

— Vamos dar uma volta? — ela me chamou.

Olhei de John para ela e outra vez para ele.

— Acho uma ótima ideia — disse John. — Mas, Mike, quero deixar claro que você é bem-vindo de volta à fogueira quando quiser, para conversarmos mais sobre isso.

Mary me pegou pela mão, então deixamos o grupo e voltamos para a casa. Ela me levou até a varanda da frente, onde havia um balanço, e se sentou.

— Achei que íamos dar uma caminhada.

— Foi uma caminhada bem curta. Agora podemos ficar sentados aqui vendo as estrelas. Não se vê um céu assim perto da cidade.

Eu me sentei, e ela entrelaçou os dedos nos meus.

— Você gostou da fazenda? — perguntou.

Fiz uma pausa.

— Claro. É muito legal.

— Algumas pessoas gostam; outras, não — disse ela. — O Larry detesta que venhamos aqui para os retiros. Ele diz que tudo o que

discutimos poderia ser conversado na sala de alguém, mas acho que a Linhagem Zero não é assim.

— Mary — falei. — O que é isso tudo? Eu, sinceramente, não faço ideia do que estou fazendo aqui.

— Você está sentado no balanço, conversando comigo.

Levantei a mão, nossos dedos ainda entrelaçados.

— Eu não queria ter que fazer esta pergunta, não queria mesmo, e espero que você não se ofenda.

Ela sorriu à luz do luar.

— Pode perguntar.

— Isto é uma seita?

Ela riu baixinho.

— Não. Não é uma *seita*. Não exatamente.

Olhei para nossas mãos.

— Sinto que preciso lhe perguntar muitas coisas, mas tenho apenas uma em mente agora.

— O quê, Mike?

— Você está fingindo gostar de mim só para eu entrar no grupo?

Ela riu, alto o bastante a ponto de as pessoas ao redor da fogueira poderem escutar.

— Não — respondeu ela, ainda rindo. — Não. Eu não estou fingindo. Gostei de você.

— Você colou em mim assim que entrei no bar.

— Mike, você está por fora, não é? — disse ela. — Você é uma gracinha.

Ri baixinho e balancei a cabeça.

— Eu sou uma gracinha?

O sorriso dela se abriu.

— É.

— Não entendo o que está acontecendo aqui. Não entendo do que se trata o Endgame. Não sei por que estamos falando sobre o fim do mundo. Não sei por que estamos falando sobre pirâmides. Quando alguém vai ser claro comigo?

— Nós estamos sendo claros com você — disse Mary, soltando minha mão e ficando de pé.

Ela foi até o parapeito da varanda e se debruçou para observar as estrelas.

— Eis o que você precisa entender. O Endgame é louco. Bem maluco, de verdade. É difícil entender. Estou envolvida com a Linhagem Zero há cerca de um ano, e apesar de ter a mente aberta precisei de muitas coisas até me convencer, porque a gente passa a realmente questionar como o mundo funciona. A questionar os livros de história. A igreja. A ciência. Mas vi o bastante para entender.

Ela se virou para mim.

— E depois, quando me convenci, eu senti... eu sinto... a necessidade de divulgar as informações. É como se você tivesse descoberto que uma represa vai se romper. O que você faria? Você sairia correndo, e pronto?

Mary fez uma pausa, e achei que ela estivesse pensando. Mas, após um minuto, percebi que estava esperando que eu respondesse.

— Não — falei. — Eu não sairia correndo. Avisaria a todos os que eu encontrasse.

— Exatamente — concordou ela.

— Então me explique.

— Vamos voltar para junto dos outros — disse Mary. — Mas quero que saiba o seguinte: eu não contei a todo mundo. Não contei aos meus pais. Não contei às minhas irmãs, nem à Bonnie, nem a qualquer parente. Eles não entenderiam. Eu os amo, mas não entenderiam. Eles têm a mente muito fechada.

— Mas você me contou.

— É. Espero que saiba o que isso significa. Até agora eu não havia recrutado ninguém para a LZ. Mas tem alguma coisa em você... eu simplesmente queria muito lhe contar. Você tem a mente certa. Eu soube disso no instante em que conversamos e você me contou quanto Berkeley era importante para você. Isto é uma bobagem, mas preste atenção, um dia a Bonnie me disse por que se casou com meu irmão Hod. Ela contou que estava no jantar de Ação de Graças, e fazia algumas semanas que eles estavam saindo. Ela estava comendo um pãozinho amanteigado e pensou: "Que delícia! Queria que Hod estivesse aqui para provar desse pãozinho." Ela disse que foi a primeira vez que soube de verdade que os dois

tinham uma conexão... porque se deu conta do quanto gostava dele. É mais ou menos como me sinto em relação a isto. Nós ainda vamos dizer ao mundo que a represa vai se romper, e eu estou misturando as metáforas, mas é com você que quero dividir meu pãozinho amanteigado.

Ela pôs as mãos nas laterais do rosto.

— O que eu disse faz algum sentido?

— Não — respondi.

Mary me olhou e, de repente, ambos estávamos rindo.

— Sei que pareço doida, Mike — disse ela. — Mas posso lhe pedir uma única coisa? Confia em mim? Apenas mantenha a mente aberta e ouça o que temos a dizer.

Olhei para Mary e não consegui deixar de sorrir. Eu sabia que, se um dia fizesse qualquer coisa importante na vida, a pessoa com quem eu iria querer dividir meu pãozinho amanteigado seria ela.

— Caramba! — exclamei. — Estou dentro. Quero saber tudo.

Ela abriu um sorriso enorme.

— De verdade?

— De verdade.

Segurei sua mão.

— Vamos lá! — falei.

E então ela me beijou.

*

Voltamos à fogueira. Eu me sentei em um tronco, de costas para a casa, ao lado de Mary.

Sentado em um toco de árvore, John usava um galho para mexer nas brasas. Passava das dez horas, e o céu estava de um azul-escuro profundo.

— E, então, está pronto para aprender sobre o Endgame? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondi. — Mais pronto do que jamais estarei.

John assentiu.

— Mary deu o aval a você. Tommy também. Eles o conhecem há poucos dias, mas se já sentem tanta segurança, eu também confio em você.

— É — falei.

Bruce, o cara grandão com os braços tatuados, falou:

— Como sabemos que você não é um policial da divisão de narcóticos?

— Não sou — respondi.

— De qualquer maneira, não estamos fazendo nada ilegal, Bruce — disse Julia de modo enfático.

— Não — corroborou John. — Não estamos.

O jeito que ele olhava me deu a impressão de que estava vislumbrando minha alma.

— Por onde começamos?

— Com Walter — disse Mary.

— Boa ideia — concordou John. — Walter?

Ele se debruçou na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Eu entrei para o exército. Não fui convocado, não como John. Eu queria ser um Boina Verde... onde estavam os melhores dos melhores. Quando cheguei ao Vietnã, fui designado a um destacamento operacional em torno da zona de desmilitarização, e trabalhávamos na linha de combate tentando prejudicar o transporte de suprimentos dos inimigos na rota Ho Chi Min. Saíamos em missões de uma ou duas semanas por vez, sobrevivendo apenas com o que levávamos na mochila. E contávamos os mortos. Éramos brutais. Uma vez, capturamos um soldado que nos disse que éramos conhecidos como os "fantasmas da selva".

Olhei para Mary, que estava ouvindo Walter com atenção, e imaginei o que se passava pela cabeça dela. Devia estar pensando no irmão Hod no Vietnã. No bar, ela tinha dito que havia manchas nas cartas dele. Talvez ele estivesse em missões secretas como essas.

John se pronunciou:

— Eu era apenas um soldado convocado, mas me candidatei e consegui terminar o treinamento dos Boínas Verdes. Fui promovido a

sargento porque todos acima de mim foram morrendo. Fui designado para a unidade de Walter.

Era difícil pensar em John como soldado, ainda mais como sargento. Walter parecia um veterano dos Boínas Verdes, mas eu não imaginava John como tal. Ele era muito... feliz? Não, não era isso. Ele só não era acabado como os veteranos de guerra normalmente eram.

— Não há nada de glamoroso na guerra — disse Walter. — Não é um filme de John Wayne sobre a Segunda Guerra Mundial. É horripilante. Desumano. Entorpecedor. Paramos de ver as pessoas como pessoas. Elas são apenas alvos. Obstáculos no meio do caminho. Não são sequer coisas. Não são nada. E nós matamos e matamos até acharmos divertido. Mesmo quando um dos nossos homens plantou uma mina ao contrário sem querer e explodiu a si mesmo, nós demos muita risada porque não havia outra opção. Tínhamos passado do ponto da tristeza. Simplesmente não ficávamos mais tristes. Não sentíamos mais nada. Vimos tantos inimigos morrerem em explosões ou serem dilacerados por nossas metralhadoras ou atingidos na cabeça por atiradores de elite, que o único sentimento que restava era achar graça, como se estivéssemos atirando em patos de madeira em um parque de diversões.

“Então, sete meses atrás, um filho da puta em algum campo de aviação decidiu bombardear nossa posição. Não era culpa deles, claro... ninguém sabia onde estávamos. Mas nos varreram do mapa. Os únicos que sobraram fomos eu, John e o capitão, e este perdeu os dois pés e o braço direito. Nós cuidamos dele o melhor que pudemos e prometemos ficar ali até ele morrer. Não levou muito tempo.

— Walter me fez uma oferta — contou John. — Ele disse que, se eu o seguisse e obedecesse suas ordens, sairíamos daquela maldita guerra. Sabem, ele não era um Boína Verde qualquer. Ele havia recebido treinamento especial. Ele é cahokiano. É a linhagem dele: uma tribo antiga que originou um imenso percentual da população norte-americana. É provável que algumas das pessoas ao redor dessa fogueira sejam cahokianas.

— É difícil saber ao certo, mas os cahokianos são um povo antigo aqui nos Estados Unidos — explicou Walter. — Os construtores de montes. Somos do centro dos Estados Unidos, de perto de Missouri.

John se intrometeu, mal contendo a empolgação. Dava para ver que era algo de que ele adorava falar.

— Quero que imaginem o começo da civilização na Terra. Havia doze tribos.

Walter recitou os nomes delas.

— Cahokiana, Minoica, Mu, Koori, La Tène, Donghu, Olmeca, Shang, Harappaneana, Suméria, Nabateia e Axumita.

— É o mundo inteiro — continuou John. — Os cahokianos são os ancestrais dos nativos americanos. Por ser Hopi, o Tommy é descendente de cahokianos. Os harappaneanos são da Índia, na Ásia central. Os sumérios e os nabateios são do Oriente Médio: egípcios, palestinos, persas, árabes... O Bakr é sumério.

Bakr, um homem de cabelo preto que estava talhando com uma lâmina curta e curva, assentiu com a cabeça.

— Os minoicos são os gregos, os romanos. Qualquer um com sangue italiano provavelmente descende da linhagem minoica. Mike Stavros, você, talvez? Os axumitas são africanos: a Phyllis, o Tyson, o Jim e a Julia descendem dos axumitas. A linhagem donghu é mongol. A shang é chinesa; o Lee e a Lin são ambos descendentes da linhagem shang. Os mu são japoneses. A la Tène responde por grande parte da Europa: Suíça, França, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Escócia, País de Gales. A Mary, a Molly e o Bruce são todos da linhagem la Tène. Os olmecas são da América Central, os ancestrais dos maias e astecas. E, por fim, os koori são os ancestrais dos australianos modernos.

John se virou para mim.

— Mike, tudo isso faz sentido até agora?

O que estavam dizendo fazia sentido. Mas por que isso era importante para eles, não.

— Claro — respondi. — Eu não sabia que isto era um clube de pesquisa genealógica. Mas a ideia de que todos viemos de doze grupos de ancestrais comuns... isso eu compreendo.

— A questão é que todos nos encaixamos em alguma dessas linhagens — disse Walter, com uma voz dura e grave. — Não é tão claro como acabamos de descrever, mas dá para ter uma ideia. Não se engane: a Linhagem Zero não é um clube de pesquisa genealógica. Quando o Endgame chegar, haverá uma guerra entre as doze linhagens. Quem vencer conquistará o direito de sobreviver e prosseguir com sua linhagem. Todos os demais perecerão no fim do mundo. Nós, da Linhagem Zero, queremos evitar que o Endgame aconteça. Então viramos as costas a nossas próprias linhagens e formamos uma nova.

— Ainda existe um conselho secreto dos cahokianos. Eu os treinava, ensinando os melhores e mais brilhantes jovens cahokianos a serem Jogadores e vencerem o Endgame. Entrei para os Boínas Verdes com um objetivo: aprimorar minhas habilidades de sobrevivência na selva para ser um mestre da arte.

— E ele é bom mesmo — disse John. — Quando fomos bombardeados e nossa unidade quase foi destruída, estávamos no lado norte-vietnamita da fronteira, sem comunicação e com poucas provisões. Então, em vez de seguirmos para o sul, para o lado americano, fomos para o norte, o lado chinês. Walter me guiou pela selva do Vietnã e da China. Acabamos pegando um barco para Hong Kong, e ele usou seus contatos para voltarmos para casa.

John olhou direto para mim.

— Mike, Walter era apenas um entre dezenas de treinadores do Jogador cahokiano. Ele era o mestre de sobrevivência na selva, mas outros se concentravam em combate mano a mano, pontaria, luta com facas, acrobacia, arrombamentos, fabricação de bombas... e por aí vai. Espera-se que esse Jogador seja o melhor dos melhores. O melhor do planeta. Um Jogador de cada uma das doze linhagens é escolhido para competir no Endgame.

Olhei para John, e então para a fogueira. Todos estavam quietos. Todos.

— Mas como eles jogam? — perguntei.

— Há três chaves escondidas pelo planeta. Vence o primeiro Jogador que obtiver todas as três e que for o único a sobreviver.

— O que você quer dizer com chaves? E quem organiza tudo isso? Quem as escondeu? — perguntei.

— Essa é uma pergunta importante — começou John, mas foi interrompido por Walter.

— Alienígenas. Os Deuses do Céu. Os Criadores. Os Annunaki. Eles têm muitos nomes.

Dei uma risada desconfortável. Walter não podia estar falando sério. Aquilo não passava de uma história de terror contada ao redor da fogueira.

— Bobagem. Tudo isso é um monte de merda do começo ao fim. Vocês me pegaram por um instante. Mas, sério, o que vamos fazer agora? Sair para caçar? Ir atrás do Pé-Grande?

Ninguém mais na roda estava rindo. Só eu.

— Alienígenas — retruquei. — Qual é! Que maluquice. Como? *Por quê?*

— Por diversão — respondeu Walter. — Começou com os primeiros homens. Com os alienígenas nos caçando por esporte. Quando as coisas ficaram tediosas, eles nos tornaram competidores melhores e mais inteligentes. E assim, sucessivamente, até chegarmos aqui. Matar-nos é o maior jogo deles. Mas ainda precisamos tentar vencer.

Eu ainda estava rindo, mas ninguém deu um pio.

Eu me virei para Mary.

— Qual é, me diga. Do que realmente se trata isto aqui?

Ela balançou a cabeça e me encarou.

— Eles estão dizendo a verdade. Lembre-se, Mike... confie em mim. Escute e mantenha a mente aberta.

— Há três possibilidades — disse Walter. — Uma delas é não fazer nada. Os Jogadores não serão chamados para jogar e todos viveremos nossas vidas muito bem até morrermos de velhice, ataque do coração ou acidente de carro.

“A segunda possibilidade é o Chamado acontecer e nós não fazermos nada. Um dos Jogadores matará todos os outros e resolverá o enigma, e todo mundo na Terra, todo mundo que não seja da linhagem desse Jogador, vai morrer. Não sei como

acontecerá: doença, terremoto, invasão alienígena. Mas será algo grande e ruim.

“A terceira possibilidade é o motivo pelo qual estamos nos reunindo: se os Jogadores não puderem Jogar, ninguém vencerá o Endgame. Se ninguém vencer o Endgame, não há fim do mundo. Assim, se conseguirmos impedir os Jogadores, o Jogo terminará. E nós teremos salvado a humanidade.

O grupo ficou em silêncio, observando meu rosto, aguardando minha reação.

— E vocês têm... ahn... provas? — perguntei.

— Nós temos o Walter — respondeu Mary. — Ele sabe disso de trás para frente.

— Sem ofensas — falei, olhando para Walter. — Mas e se eu não acreditar em você?

— Você não precisa — disse Walter. — Não me importo se você acredita ou não. Eu sei que é verdade. Vivo isso desde que nasci, é parte da minha linhagem cahokiana. Se você quer algo tangível, tenho uns textos antigos que encontrei buscando pistas em todo o país. Eles descrevem as verdades do Endgame.

— Quero ver.

— Em um instante. Primeiro, vou provar que sou cahokiano.

Ele desabotoou a camisa. Olhei para Mary. Ela assentiu e deu um sorriso tranquilizador.

Ele tirou a camisa e se virou de costas para nós. Havia uma tatuagem que ziguezagueava pelas costas até chegar ao pescoço, onde uma boca parecida com a de uma cobra se esticava para engolir uma grande forma oval. Nesse ovo havia uma grande cicatriz: um X.

— É o Monte da Grande Serpente, em Ohio — contou ele. — Representa minha cultura e minha linhagem.

— É uma marca de gado — disse Mary. — O X.

— Foi meu castigo por ter questionado o Endgame. Quando voltei da guerra, procurei os documentos e, quando os encontrei e tentei discuti-los com os líderes da linhagem, fui marcado como traidor e expulso. Excomungado da minha família, da minha linhagem.

Ele vestiu a camisa de novo, abotoando apenas alguns dos botões antes de tirar dois pedaços de papel do bolso. Pareciam velhos e surrados. Ele começou a ler o primeiro.

Esta é a mentira, a única mentira que alimentou suas vidas e as vidas de todos os que vieram [ilegível] antes de vocês. Arrisquei tudo para tirar o véu de mistério que envolve os Annunaki, de modo a mostrar [ilegível]. Tudo será em vão [ilegível] compreendem.

Os mu tiveram uma escolha. Vocês têm uma escolha.

Jogar é perder o jogo. Sucesso, sobrevivência, liberdade só poderão vir [ilegível]

Provem aos Annunaki que vocês não são animais irracionais, que podem pensar [ilegível] nós, todos nós, merecemos uma chance de viver.

Escolham questionar o que lhes foi ensinado.

Escolham ser livres, escolham a liberdade para todos.

Escolham não Jogar.

Todos estavam calados. Alguns faziam que sim com a cabeça. Alguns olhavam o céu. Alguns se viraram para mim, como se minha reação fosse importante. Apenas encolhi os ombros. Phyllis quebrou o silêncio.

— Fiz uma pesquisa sobre os Annunaki. Eles eram os deuses na Mesopotâmia. Tipo os titãs da mitologia grega... estavam lá antes dos deuses. Eles inclusive *fizeram* os outros deuses. São descritos na Epopeia de Gilgamesh. Eles criaram uma coisa chamada Esagila... um templo maluco para o deus protetor. Coisas típicas de lendas antigas. Mas, se aceitarmos que eles foram os Criadores e eram alienígenas, não mitos, não deuses de verdade, é fácil considerá-los como os alienígenas que ajudaram a dar início à espécie humana.

Eu a encarei por um instante e então observei as profundezas da fogueira, onde as brasas emitiam brilhos brancos e se desmanchavam como pedaços de papel ao vento.

— Então é isso que vocês estão dizendo? — perguntei a ninguém em especial. — Os alienígenas deram início à espécie humana?

— Olhe — disse Mary, virando para me encarar.

Ela levou o dedo ao meu queixo e me fez olhá-la.

— Todos fomos trazidos até aqui. Todos tivemos as mesmas dúvidas que você, porque... estamos falando de alienígenas, né? Uma coisa muito louca. Mas será que é louca mesmo?

Assenti.

— É.

John riu, mas Mary estendeu a mão e agarrou meus ombros.

— Nós sabemos que o universo é mais imenso do que somos capazes de imaginar. Nossa galáxia tem cem bilhões de estrelas. E existem cem bilhões de galáxias no universo. Não é o máximo da arrogância dizer que somos o único planeta habitado? Eu não ligo se você é ou não religioso. Isso não importa. Fui criada como católica e ainda vou à missa toda semana. Mas estamos falando de ciência, não de religião, não de mitos. Eu tinha dúvidas, como você. Mas agora acho mais fácil dizer que existem alienígenas do que afirmar que eles não existem.

Ela continuou:

— Você realmente se dá conta da enormidade do universo? Bilhões de estrelas apenas na nossa própria galáxia. Com esse monte de sistemas solares, deve haver alguma coisa lá...

Eu a interrompi.

— Sinceramente, não vejo problemas na existência de alienígenas. Claro. Eles existem em algum lugar. É lógico. O que estou questionando é a ideia de que toda a experiência da humanidade seja um grande jogo.

John se levantou, olhando para mim, mas falando alto o suficiente para todos ouvirem. Ele sorriu.

— Querem conhecer outra pessoa que está presa nessa teia de aranha?

Houve um arfar audível ao redor da fogueira. Mary se virou para encará-lo:

— Quem?

Então olhou para Walter.

— Outro cahokiano? — perguntou ela.

— Cahokiano, não — respondeu John. — La Tène. Na verdade, ela encontrou o Walter. Bem, os dois se encontraram. Ela não quer mais fazer parte desse mundo. Ela era Jogadora até uns dois anos atrás...

John me olhou.

— Todos os Jogadores precisam ter até vinte anos.

— Como ela encontrou você? — perguntou Bruce, com a expressão preocupada.

— Isso, eu não sei — disse John.

Walter balançou a cabeça e olhou para Bruce.

— Vocês precisam compreender que essas pessoas são especialistas em tudo. Eu era um entre dezenas de treinadores. Os Jogadores estão sempre treinando: artes marciais, boxe, natação, escalada. Eles sabem como perseguir alguém... na rua ou de carro. Sabem como desaparecer. E encontram qualquer um. É uma das coisas que mais destacamos durante o treinamento, porque precisam matar todos os outros Jogadores, e isso quer dizer que precisam caçá-los. Nosso contato viveu essa vida.

— Então quando a conheceremos?

John sorriu.

— O que vocês vão fazer no fim de semana que vem?

Capítulo Cinco

— Quanta gente! — comentei com Tommy enquanto passávamos em meio à multidão na Sproul Plaza, em Berkeley.

Ele me olhou com um sorriso.

— Você precisa vir a mais protestos. Este é pequeno, talvez quinhentas ou seiscentas pessoas.

— Quinhentas pessoas é pouco?

Fazia cinco dias que havíamos voltado da fazenda. Era quinta-feira, e conheceríamos a Jogadora la Tène no dia seguinte. A Linhagem Zero estava em êxtase — como uma criança contando os dias para a manhã de Natal. Mas tudo o que podíamos fazer era esperar.

— Terminei aquele livro hoje de manhã — falei. — Aquele escrito pelo alemão.

— Aquele livro tem umas oitocentas páginas — disse ele, rindo.

— Eu o levo para o trabalho comigo. Pensei que se um outro zelador pode passar o dia todo na escada fumando maconha, eu posso ficar lendo em um quarto.

— Você vai acabar sendo despedido.

— Qual é, não demora muito para passar o esfregão em alguns andares. Você leu aquele livro todo?

— Não — respondeu Tommy, espiando por cima das cabeças, procurando pelo resto do grupo. — Mal comecei.

— Já ouviu falar do mapa de Piri Reis?

— Não.

— Certo, escuta só. Um mapa feito em, tipo, 1500 d.C., não muito tempo depois de Colombo, mostra o oceano Atlântico e tudo o que o toca: Europa, África, América do Norte, América do Sul e, o mais doido de tudo, a Antártica. Tem alguns erros no mapa, mas ele

mostra a costa exata da Antártica. A Força Aérea analisou e confirmou a precisão.

— E daí? — perguntou ele, olhando para mim e sorrindo.

— Naquela época, mapas grandes eram compilados a partir de mapas mais antigos. Por isso, a exploração da Antártica deve ter sido feita antes de 1500... ou qualquer que tenha sido a data. 1515, talvez. Só que a primeira exploração conhecida da Antártica aconteceu no século dezoito.

— E o que há de tão importante na Antártica?

Ele ainda sorria, como se suspeitasse da resposta.

— Aquela costa ficou coberta de gelo por seis mil anos.

— E o que isso nos diz? — indagou Tommy.

— Não faço ideia — respondi, dando risada.

— O que isso significa é que você vai entrar para a Linhagem Zero. Eu estava com dúvidas a seu respeito, Mike. Não sabia se você abriria a cabeça. Mas você vai se juntar a nós, companheiro. Você encontrou provas de algum conhecimento antigo que deve ter sido produzido por tecnologia avançada. É apenas mais um sinal. Vamos mais lá para a frente. Nem sei contra o que estamos protestando.

Assenti com a cabeça e o acompanhei em meio à multidão até ele avistar Jim do outro lado.

Eu ainda tinha reservas. Muitas. A essa altura, vários argumentos haviam sido apresentados, mas todos dependiam da minha confiança em Walter. E ele não era a pessoa mais acessível. Falava pouco e era bravo e passou todo o tempo na fazenda com uma garrafa na mão.

Eu não confiava em gente que bebia daquele jeito.

Por outro lado, eu gostava de Mary e sentia que podia confiar nela. Era muito inteligente e pé no chão. E parecia que ela realmente confiava em Walter. Talvez eu não conseguisse forçar minhas crenças tão fundo a ponto de confiar nele, mas talvez depositasse essa confiança em Mary.

A garota com o megafone berrava o mesmo discurso antiguerra que eu ouvia desde que havia começado a prestar atenção aos fatos. Eu tinha 19 anos, e a guerra do Vietnã estava rolando desde que eu era criança. Eu mal me lembrava do mundo sem ela. Estava

no noticiário todas as noites, tão constante quanto a previsão do tempo ou os resultados do beisebol.

Assim como os protestos. Parecia que eu ouvia falar a respeito deles desde sempre. Às vezes, eu me perguntava se os Estados Unidos sobreviveriam a tudo isso. Havia uma guerra acontecendo do outro lado do mundo e outra ali também.

Mary nos encontrou na lateral da praça, encostada à parede de um prédio.

— Que incrível! — exclamou ela, passando o braço no meu.

Seus lábios quase tocaram meu ouvido para que eu a escutasse apesar do barulho ao redor.

Olhei para trás e vi que a parte mais baixa da Sproul Plaza estava se enchendo de gente.

— O que faz você confiar em Walter? — berrei.

Eu não havia visto Mary durante toda a semana e ainda sentia que tínhamos muita coisa a conversar sobre o fim de semana anterior.

Mary pareceu pensativa. Ela se debruçou e falou ao meu ouvido.

— Eu acredito no que ele tem a dizer. Acredito na história e na missão dele.

— Mas você confia nele?

Naquele momento, minha confiança no grupo repousava firmemente nos ombros de Mary e Tommy. Se eles confiavam, eu também poderia.

— Com minha vida.

Ela recuou e me olhou.

— Ele vai convidar você oficialmente para fazer parte da Linhagem Zero, Mike.

Respirei fundo.

— Nossa! O fim de semana passado foi algum tipo de teste? Para ver se eu devia entrar para o grupo?

Mary deu um sorriso tímido.

— Mais ou menos. Sabe, a gente precisa se cuidar. Já chegamos a convidar pessoas que recusaram. Elas acham que somos loucos. Uma delas chamou a polícia... fomos acusados de sermos a nova Família Manson. Você é diferente. Você foi à fazenda. Os outros nunca foram. Você conheceu todo mundo. Vou ser sincera: havia

uma porção de gente que achou que você não deveria ter ido lá. Mas John e eu confiamos em você.

— Então, vão me matar se eu disser não? — perguntei, brincando.
— Eu sei coisas demais?

Mas Mary parou de sorrir.

— Nem brinque. É claro que isso não vai acontecer, mas é sério. Quer dizer, você sabe... é o fim do *mundo*. Não estamos brincando, e eu adoraria se você também não brincasse.

Olhei ao redor da multidão e vi dezenas de policiais parados perto dos manifestantes, observando tudo. Não entendi muito bem por que, mas me senti desconfortável. Não estávamos fazendo nada. Não íamos arranjar confusão. Ainda assim, só por falar na Linhagem Zero, parecia que estávamos envolvidos em algo errado. Senti como se eles estivessem me observando.

— Vocês estão com raiva? — perguntou alguém no megafone.

A multidão gritou em resposta:

— Sim!

Mary também gritou, mas percebi que ela estava irritada por um motivo diferente. *Está chateada porque eu ainda não acredito nela*, percebi.

— E digo mais — gritou o sujeito no megafone. — Nós não estamos sozinhos. Hoje, em Washington, quinze mil pessoas protestaram contra a instalação de minas nas águas do Vietnã. É disso que precisamos nos lembrar. Não estamos sozinhos. E nos próximos meses e anos, vamos precisar nos lembrar de mais coisas ainda: somos um único povo, uma única civilização, uma única humanidade. Não somos nós contra os vietcongues. Não é o Ocidente contra o Oriente. Não são os Estados Unidos contra a União Soviética. É o planeta Terra, e estamos lutando por uma boa causa.

A multidão aplaudiu. Vi John se levantar no palco e caminhar até quem estava discursando. Mary também o viu.

— Que droga! Vamos subir lá — disse Mary. — Precisamos tirar o John do palco. Vamos nos reunir com a garota la Tène amanhã. Temos que manter tudo nos trilhos. Ele não pode ser preso. É um desertor.

Olhei para Mary, imaginando no que eu estava me metendo.

Mas a acompanhei. Não resisti à atração que ela exercia sobre mim. Mary segurou minha mão e me arrastou pela multidão até a escada.

De lá, víamos toda uma nova massa de manifestantes, ao norte do palco — outros mil entre o Sproul Hall e o Centro Estudantil.

Outra pessoa pegou o megafone, mas a polícia estava começando a se aproximar.

O cara que pegou o megafone viu a polícia e na mesma hora mudou de assunto.

— E sabem o que mais? Não há nada que possamos fazer a respeito de Haiphong neste momento. Mas acho que podemos derrubar uma cerca. Quantas vezes mais precisaremos verter lágrimas pelos nossos compatriotas? Quantas vezes precisaremos derrubar essas cercas? Todos para o Parque do Povo!

Mary e eu subimos correndo a escada. John estava prestes a pegar o microfone, mas o arrancamos de lá bem a tempo.

— John, que diabo você está fazendo? Você não pode discursar! Precisamos sair daqui. Não podemos estragar tudo antes de amanhã. E a garota la Tène? A Linhagem Zero está diante de algo grande. As coisas estão acontecendo. Você está pondo em risco todos os nossos esforços.

Um dos policiais estava vindo em nossa direção com o cassete na mão. Éramos seis na parte superior da praça: John, Mary e eu e os três líderes da manifestação que discursaram antes de chegarmos ali.

John balançou a cabeça.

— Desta vez vai ser diferente. Não tem tantos policiais. Isso não vai comprometer os planos de amanhã.

Ele apontou ao redor. Todos vinham em nossa direção.

— John — disse Mary. — Mike e eu podemos ser presos e passar a noite na cadeia. Mas, se você for preso, vai arrumar problemas sérios. Sem você, a Linhagem Zero não terá um líder. Você vai destruir toda a nossa missão por nada!

John começou a andar. Estávamos na frente da multidão, os líderes diante da massa.

— Tem razão, Mary. Tem razão. Vamos sair daqui.

*

Ouvi as sirenes antes de chegarmos ao parque, mas não importava. Éramos pelo menos mil pessoas, e não havia aonde ir. Havia policiais à esquerda e à direita, e atrás de nós estava a multidão. No local onde a calçada do campus terminava e se transformava na Bancroft Way havia apenas seis viaturas da polícia com as luzes piscando. As pessoas saíam às ruas para se juntar a nós.

Mary e eu andamos de mãos dadas, tentando voltar para o meio da massa, mas não havia como pará-la. As pessoas atrás de nós estavam sendo empurradas pelas pessoas atrás delas, e assim por diante até o final. John tentou sair da linha de frente, mas não conseguiu. As pessoas que estavam na dianteira tentavam juntar os braços formando uma barreira de gente. Estávamos na ponta da lança, encabeçando uma onda maciça de centenas de pessoas.

Isso me lembrou de todos os protestos que eu havia visto na TV, desde as cartas de convocação do Exército sendo queimadas em Boston a comícios, passando pelo tiroteio na Universidade Estadual de Kent. Pessoas foram mortas — estudantes, policiais, espectadores. Mas ali havia apenas umas duas dúzias de policiais, ao passo que éramos cerca de mil pessoas; eles tiveram que recuar.

E me dei conta pela primeira vez de que aquilo era a vida real e que Mary estava do meu lado, segurando minha mão. O que eu faria se a situação ficasse violenta? E, se eu estava tão nervoso diante de um protesto, como encararia algo da magnitude do Endgame?

Queríamos voltar atravessando a multidão, ficar longe dos policiais, mas a massa era tão fácil de lidar quanto com uma avalanche.

A coisa não vai ficar feia, falei para mim. Havia muito poucos policiais. Eles iriam recuar.

E se tivessem armas de novo? Eu protegeria Mary. Defenderia John. Seria capaz de entrar em uma briga, se fosse preciso.

— Não estamos aqui para brigar! — gritou John aos policiais, mas sua voz foi abafada por um mar de outras vozes.

Ele tirou o chapéu e o girou em um círculo.

— Estamos desarmados. É um protesto pacífico!

A multidão estava empurrando, e Mary e eu tropeçamos. Toda a linha de frente tropeçou. Todos estavam tentando parar diante do bloqueio das viaturas, mas havia muita pressão vinda de trás.

Um dos policiais falou em um microfone preso a um fio comprido que saía da janela do carro.

— Nós... *IIIIIIIIII!*

O alto-falante soltou um guincho alto, e a multidão explodiu em gritos e risos.

— Nós ordenamos que vocês se dispersem! Voltem para casa.

Mary e eu fomos empurrados para a frente de novo. Estávamos a menos de cinco metros dos policiais.

— Merda — disse ela, começando a entrar em pânico. — Faça força para trás, Mike. Não podemos ser empurrados até a frente. Segure firme!

John fez um gesto com a mão para chamar a atenção dos policiais.

— Apenas nos deixem passar. Não há como parar a multidão.

Sofri mais um empurrão, mas agarrei a mão de Mary com mais força para me manter no lugar. Olhei para trás, e tudo o que vi foi um mar interminável de gente — a maioria ainda marchando em nossa direção —, nos apertando ainda mais.

John estava imprensado entre a multidão e a polícia.

— Recuem, já! — bradou o alto-falante do policial.

Outro empurrão. Não havia para onde ir. John encontrava-se quase cara a cara com o policial. Estava com as mãos para cima.

— Não tenho como recuar! Não queremos brigar!

Mas houve mais um empurrão. Quase caí de joelhos, e Mary precisou agarrar meu braço para me manter de pé.

— Não! — berrou Mary. — Isto não vai acabar bem!

O policial na nossa frente estava ficando com medo. Vi em seus olhos. Ele levou a mão à arma, mas não a sacou.

Outro policial gritou no alto-falante.

— Dispersem-se, já! Ordenamos que vocês se dispersem.

Nada, contudo, pararia aquela onda. John estava à minha esquerda, Mary, à direita, e todos estávamos suplicando ao policial.

Assustado, ele levou a mão ao cassetete e o balançou.

John baixou a cabeça, mas não foi rápido o bastante, e o cassetete bateu com força em seu crânio.

O policial levantou a mão de novo para dar mais um golpe, mas, quando o cassetete deslizou no ar, o instinto entrou em ação. Soltei a mão de Mary e me atirei na briga.

O cassetete acertou o ombro de John por trás, e eu derrubei o policial, jogando-o à viatura. Não esperei para ver como ele reagiria — de repente me vi em todas aquelas lutas de sexta-feira à noite a que meu pai e eu assistíamos. Um soco no estômago e depois um golpe no queixo.

Ele se virou para mim com o cassetete, mas estava tonto e cego, e eu o evitei com facilidade, dando um gancho de direita. O policial caiu no asfalto.

E, assim que olhei para cima, vi um repórter do outro lado do carro apontando uma câmera para nós. Encarei-o assim que o flash disparou.

— Merda! — exclamei.

A multidão estava se dividindo ao nosso redor, e algumas pessoas passavam por cima do carro. Eu podia ir atrás do sujeito, roubar a câmera, quebrá-la, danificar o filme. Mas a massa estava nos ultrapassando, enquanto permanecíamos agachados ao lado da viatura policial, e o fotógrafo se perdeu no mar de gente. O policial à frente estava zozzo, e John estendeu o braço para pegar a arma dele.

— John! — sussurrou bem alto Mary. — Ponha isso de volta! Está louco?

— Não quero levar um tiro pelas costas — sibilou John, com sangue escorrendo pelo rosto.

Ele tirou as seis balas do revólver e quebrou a pistola, largando os pedaços no chão.

— Porra, porra, porra. Merda, merda, merda! — praguejei, me jogando de novo ao lado do carro.

— Não foi nada — disse John, com a mão na cabeça.

Havia sangue escorrendo na mão, no rosto e na jaqueta.

— Não — falei. — Acho que um repórter acabou de tirar fotos de tudo, de mim dando um soco no policial.

John tirou a jaqueta e a pressionou à cabeça.

— Vamos embora.

A multidão levou quase dez minutos para se abrir o suficiente para conseguirmos voltar, nadando contra a corrente.

— Mary, você está bem? — gritei bem alto enquanto as pessoas passavam por nós aos borbotões a caminho do parque.

John começou a nos guiar por um beco, para longe do parque e da universidade.

Mary fez um sinal para mim com a cabeça.

— Se o fotógrafo pegou você, também me pegou.

— Onde está seu carro? — perguntei.

— A umas duas quadras daqui. Precisamos levar você a um hospital...

— Vão indo — interrompeu-a John. — Eu tenho um lugar aonde posso ir.

Enquanto ele falava, mantinha os olhos na rua, de um lado para outro.

— Vocês realmente provaram quanto valem hoje, sabiam? Vejo os dois na reunião de amanhã. Talvez precisemos mudar a programação, especialmente se essa foto for publicada.

Ele deu alguns passos atrás, então parou e sorriu para mim.

— Mike — disse ele. — Não há como você não se juntar a nós depois disso. Você é parte de tudo agora! Todos somos!

Ele deu um grito de comemoração e socou o ar. Em seguida, saiu correndo pela rua movimentada e desapareceu nas sombras de outro beco. Mary riu, observando-o partir.

— Não me diga que não é emocionante? — comentou ela. — Você queria fazer parte de alguma coisa grande. Bem, é isso.

Eu me virei para ela. Suas bochechas estavam coradas de animação, os olhos brilhavam. Então, por que senti um pavor apertando meu estômago?

— O que ele quis dizer com talvez precisemos mudar a programação? — perguntei.

Capítulo Seis

— Não se preocupe com a programação — respondeu Mary. — Tudo dependerá da reunião com a Jogadora la Tène.

— Certo — falei. — Vamos nos preocupar com aquela foto. Se sair no jornal, já era para mim. Vou ser preso. Agressão a um policial. A pena para isso é... o quê? Cinco anos? Dez?

— Seria lesão corporal — corrigiu ela. — Não uma agressão, porque você não o ameaçou primeiro. Você só bateu nele. Todo mundo entende isso errado.

— Por que você está tão tranquila? — retruquei, quase gritando. — É da minha vida que estamos falando! E justamente agora que saí da casa do meu pai e estou por conta própria. Não posso ir para a prisão!

— Não estou exatamente feliz com isso — disse ela. — Mas entrar em pânico não vai ajudar em nada. Só estou tentando pensar. Talvez eu também apareça na foto, sabe.

— Mas você não estava batendo em um policial.

— Não sabemos quando exatamente a foto foi feita. Talvez mostre você batendo em um policial, mas talvez tenha sido tirada logo antes ou depois. Não precisamos nos desesperar de antemão. Quem sabe? Talvez a foto mostre o policial atacando o John.

— E o que eu devo fazer? Voltar para o alojamento e esperar?

Ela expirou e cruzou os braços.

— É. E se a polícia for atrás de você, exija um advogado.

— Não posso pagar um advogado.

— A justiça indicará um. Mas não vai chegar a esse ponto. Você está exagerando, Mike. Sabe quantos protestos e passeatas houve nesta cidade? Contra Nixon, o Vietnã; a favor da liberdade de expressão, de direitos iguais? Pessoas são presas em cada um deles, recebem uma advertência por contravenção penal, pagam

quinhentos dólares ou coisa parecida e seguem com suas vidas. Você não vai para a cadeia.

— A menos que aquela foto seja publicada.

— A menos que aquela foto seja publicada — concordou ela. — Mas vamos nos preocupar quando acontecer. Olhe aqui: eu trabalho em um escritório de advocacia. Na segunda, pergunto a eles o que devemos fazer.

— Não quero que se envolva nisso.

Ela riu.

— Mike, estou mais envolvida nisso do que você imagina.

Ela passou os dedos pelos cabelos compridos e se encostou ao muro de tijolos do beco.

— Vamos tomar um sorvete.

Bufei.

— O quê?

— É — disse ela. — Vamos tomar um sorvete. Tem uma sorveteria ali na frente.

— A gente não deveria tentar ir embora daqui?

— Pense bem. Se aquela foto estiver borrada, e pode muito bem estar, porque todo mundo estava correndo de um lado para outro, não dá para saber exatamente quem foi. Então vamos arrumar um alibi. Aja de maneira normal, como se nunca tivéssemos ido ao protesto. Vamos fazer de conta que estamos em um encontro. Então, quando a polícia aparecer, você diz: “Não, eu não estava lá. Eu estava na Creamy Freeze com Mary Nesmith.” E os funcionários da sorveteria vão confirmar.

Sorri. Foi meu primeiro sorriso de verdade desde que nos enfiamos na multidão. Não sei como Mary ficava tão calma sob pressão. Eu não conseguia, isso é certo.

— Um encontro, é?

Dei um cutucão nela com o cotovelo.

Ela revirou os olhos.

— Eu disse que vamos *fazer de conta* que estamos em um encontro.

— Por ora — falei, sorrindo. — Tudo bem, vamos lá.

Ela estendeu a mão, e eu a segurei. Os dedos dela estavam frios quando os entrelacei, e meu coração disparou. Por mais que não estivesse inteiramente à vontade quanto à Linhagem Zero, eu gostava de fazer coisas com ela, de ir embora do protesto com ela. Começamos a caminhar — depressa, para chegarmos à sorveteria antes de mais alguém da passeata aparecer por lá.

— Você não chegou a responder. O que o John quis dizer com mudar a programação? — perguntei.

— É melhor ele responder.

— Isso é uma evasiva.

— Não estou tentando ser evasiva — disse ela. — Você frequenta a igreja?

— O que isso tem a ver?

— Já estudou a Bíblia?

— Já escutei muitos sermões de pastores. Minha mãe é batista.

— Sabe, eu ainda vou à igreja — contou ela. — Isaías diz que aprendemos com “mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali”. É assim que o John ensina as pessoas. Eu o vi atrair muita gente para a Linhagem Zero desse jeito. Ele fala sobre uma parte do Endgame, depois outra, uma parte mais profunda, e assim vai até...

Ela não terminou, mas não precisava. *Até o ponto em que as pessoas se veem envolvidas demais para sair.*

Parte de mim sabia que eu devia dar o fora imediatamente. Mas havia outra parte que precisava ver o que aconteceria.

— Então ele estava falando de mim? — perguntei. — Ele ajusta a programação segundo a velocidade com que vou aprender.

Mary assentiu.

— Quanto mais há para saber? Quer dizer, o que mais ainda poderia ser dito? Ele já falou que toda a existência humana é um grande jogo conduzido por alienígenas e que doze Jogadores estão, ao que parece, competindo para salvar suas linhagens do fim do mundo. Tem *mais*?

— Um pouco. Mas você está aprendendo rápido. É ótimo. Acho que amanhã, quando nos reunirmos com a jogadora la Tène, vamos

saber a maior parte do que resta para saber... provavelmente muita coisa que *eu* mesma não sei.

A noite estava caindo quando atravessamos a rua. Uma viatura de polícia ligou as luzes e disparou na direção do Parque do Povo.

— Então, posso perguntar uma coisa? — pedi. — Se você acredita nos alienígenas, por que ainda vai à igreja?

— Você é o sr. Inquisidor mesmo, hein?

— Acabei de bater em um policial para proteger o John, que, até onde eu sei, pode ser o líder de uma seita.

A expressão de Mary ficou séria.

— A Linhagem Zero não é uma seita.

— Definitivamente, não é um clube de leitura.

— Essas são as únicas opções? Clube de leitura ou seita? Acredito que isso seja o que chamam de falsa dicotomia.

Sorri para aliviar um pouco a tensão que estava se formando.

— Vocês, alunos de Stanford, e suas palavras difíceis.

— Escute. Nós não somos a nova Família Manson, mas também não somos exatamente uma associação de pais e mestres. E, já que estamos colocando as cartas na mesa, John não está dormindo com nenhuma de nós e não vi ninguém usar nenhuma droga além de maconha.

— Walter bebe muito. Muito mesmo. Eu não gosto disso.

— Eu sei — disse ela.

Walter bebia ainda mais do que meu pai, mas não parecia ter o mesmo lado furioso.

— Aposto que você também beberia se tivesse visto o tipo de coisa que ele viu. Na verdade, eu me surpreendo mais com o fato de o John não beber como ele. Os dois estavam juntos. Viram e fizeram as mesmas coisas. E, quanto à igreja, eu vou porque gosto de ir. Fui criada na igreja e sinto que é parte de quem sou. Satisfeito com a resposta?

— Claro.

Viramos em uma esquina, e vi a grande placa da sorveteria Creamy Freeze. Aquele era definitivamente o diálogo mais esquisito que tive em um primeiro encontro.

— Ei — falei, balançando a mão dela. — Como você se tornou membro da Linhagem Zero?

— É uma história meio chata, na realidade. A Kat... lembra-se dela? A enfermeira?

Fiz que sim com a cabeça. Ela era bonitinha, mas não chegava nem perto da beleza de Mary. Era três ou quatro anos mais velha que eu.

— Ela trabalha na clínica perto do meu alojamento.

Mary levantou o braço direito e me mostrou uma cicatriz irregular, logo abaixo do cotovelo. Eu nunca a havia notado antes.

— No meu segundo dia em Stanford, caí da escada e me cortei por causa de um prego do carpete. Não me orgulho desse momento. Kat me atendeu, e nos tornamos amigas. Foi ela quem me apresentou ao John.

Abri a porta da Creamy Freeze para ela, e entramos juntos.

— Gosto de brincar que eles me usam para ter acesso à fazenda. E o engraçado é que é verdade. Um dia, Kat e eu estávamos conversando; descobri que ela acampava muito perto de Susanville e contei que minha família tinha a fazenda. Quatro dias mais tarde, John e Kat apareceram no meu apartamento em Stanford e fizeram um discurso motivacional. Nada sobre a Linhagem Zero, é claro. Eles só queriam pescar e praticar tiro ao alvo. Aos poucos fui descobrindo mais... como eu disse, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra. Estou com eles desde então.

Fomos até o balcão da loja vazia e fizemos o pedido. Ela pediu uma casquinha de baunilha, que eu disse que era a coisa mais sem graça da sorveteria. Pedi uma banana split com uma bola de sorvete de chocolate e nozes e outra de morango. Fizemos questão de ficar no balcão e ter uma conversa animada com a atendente adolescente, tentando deixar nela uma impressão clara, para que nos identificasse à polícia, se preciso.

Fazia pelo menos 25 minutos que havíamos nos afastado da multidão e da polícia. Provavelmente mais. Mas agimos como se não tivéssemos uma única preocupação no mundo.

Enquanto seguíamos para uma cabine, eu não sabia o que pensar. Gostava de Mary, e parecia que ela gostava de mim. Mas parte do

meu cérebro ficava me dizendo que essa coisa de Linhagem Zero era maluquice e essa história de Endgame, uma bobagem. Só que toda vez que me encontrava com Mary, mal podia esperar pela próxima vez que a veria. Nunca havia me sentido assim depois de conhecer alguém por tão pouco tempo. Parecia muito mais.

Eu nunca tivera uma namorada. Havia ido ao baile de formatura, mas era apenas um grupo de meninos convidando um grupo de meninas. Saí algumas vezes com Camille Edwards, mais porque meus amigos insistiam do que por gostar dela. Ficamos juntos um tempo, mas só. E só mesmo. Eu, Michael Stavros, era virgem. Esperava que Berkeley resolvesse isso para mim. A universidade seria um recomeço — não havia ninguém da escola lá. Eu era um novo homem. Aquela era uma nova vida. Uma vida que incluía Mary. E o Endgame.

Capítulo Sete

Estava na primeira página.

Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi ir à portaria para ver a cópia do *San Francisco Chronicle* que recebíamos todos os dias. Estava limpa. Fiquei zozzo de alívio. Havia uma reportagem na página três sobre a passeata (que chamaram de revolta), mas nenhuma foto nem menção a meu respeito. Um homem, o policial Scott Hoover, teve o maxilar deslocado. Senti como se estivesse caminhando um metro acima do chão. Não havia foto, nome ou investigação em andamento.

Foi só quando cheguei à cafeteria do alojamento, peguei o café da manhã e me sentei à mesa que vi um exemplar descartado do *Daily Californian*, o jornal estudantil de Berkeley. Despenquei com tudo de volta à Terra. Meu rosto tinha oito centímetros de altura, estava claro e focado. Meu punho parecia ter acabado de encontrar o queixo do policial. Era uma foto perfeita. Parecia tão profissional como se tivesse sido feita durante uma luta de boxe. Meu rosto, o rosto do policial e o topo da cabeça de John — ele estava olhando para baixo, e não dava para ver seu rosto.

Para minha surpresa, não surtei. Peguei o jornal, levei a bandeja cheia de comida para o lava-louças e saí do prédio em silêncio. Quando cheguei ao último degrau, estava correndo, fugindo o mais rápido possível dos outros alunos e tentando ao máximo evitar a todos. Eu precisava chegar ao alojamento, ao telefone. Precisava falar com John. Ele poderia fazer isso desaparecer. Eu havia me disposto a salvá-lo — será que ele não poderia se dispor a me salvar? Afinal, ele conhecia os líderes do protesto.

Alguma coisa poderia ser feita. Alguma coisa poderia me salvar.

Cheguei ao alojamento e subi a escada correndo, esperando que Tommy estivesse no quarto, mas não o vi. Disparei para o banheiro

e o chamei pelo nome. Nada. Corri até o salão comunitário, mas ele também não estava lá.

— Caramba! — eu disse, enfiando a mão no bolso atrás de moedas.

Tentei me recompor enquanto percorria o corredor até o orelhão. Só que eu não tinha nenhum número de telefone. Não tinha como falar com Tommy e não fazia ideia de como entrar em contato com John. Percebi que nem sabia o sobrenome dele. Não havia ninguém para quem ligar. Voltei ao quarto, mas, antes de entrar, um pensamento tomou conta da minha mente: se a polícia do campus — ou da cidade — estivesse procurando por mim, sem dúvida iria até meu dormitório.

Mas eu estava em Berkeley fazia pouco mais de uma semana, e havia passado um fim de semana inteiro na fazenda de Mary. Meu chefe nunca prestava atenção em mim ao me passar as tarefas. Mas sempre tinha uma cópia do jornal aberta em cima da mesa do almoxarifado. Mais cedo ou mais tarde, ele me reconheceria.

Olhei para o jornal e comecei a ler. Senti uma pressão no coração e achei que ia vomitar. Havia acabado de chegar a Berkeley, e meu tempo ali já havia terminado. O que eu faria? A foto estava sem legenda, mas meu rosto estava por todo o campus.

Havia dinheiro no quarto. Eu tinha trazido tudo em dinheiro, tudo o que economizara para pagar os estudos. Sim, foi burrice da minha parte, mas eu planejava abrir uma conta em um banco local quando chegasse a Berkeley. Só não havia feito isso ainda. Os policiais podiam estar vigiando meu quarto, mas eu tinha três mil dólares lá — tudo o que havia economizado trabalhando com meu pai e em dois verões no serviço florestal. Eu poderia ir buscar o dinheiro e algumas roupas, me esconder em um hotel por umas semanas e deixar a barba crescer.

Merda. Eu precisava de ajuda.

Voltei com cautela até o quarto, enfiei a chave em silêncio e girei a fechadura. A porta se abriu.

O quarto ainda estava vazio. Expirei longa e lentamente.

Corri até a mesa e destranquei as gavetas. No fundo de uma delas, atrás de uma divisória, estava todo o meu dinheiro — uma

pilha grossa, presa com dois elásticos. Fariam uma busca no quarto quando se dessem conta de quem eu era. Tirei a carteira do bolso de trás e tentei guardar o máximo possível de notas. Entre os compartimentos da carteira, encontrei aquilo de que precisava: um cartão de visita do escritório de advocacia Goodman e Odenkirk, onde Mary trabalhava. Havia um número de telefone, embora não tivesse o nome dela. Dizia apenas *Assistência jurídica*. Ela poderia me ajudar. Afinal, trabalhava em um escritório de advocacia. No mínimo, ela poderia indicar alguém com quem eu devesse falar.

Minha carteira estava lotada quando a enfiei no bolso de trás da calça; e o restante do dinheiro, coloquei no bolso da frente. Havia partes de Los Angeles a que eu jamais ousaria ir com uma carteira tão obviamente cheia, mas Berkeley parecia uma cidade mais segura. Ou quem sabe eu simplesmente estivesse por fora.

Minhas mãos tremiam, e eu não queria usar o orelhão daquele andar. Meu desejo era sair, ir para longe dali, para longe de qualquer lugar onde houvesse exemplares daquele jornal.

A polícia já devia ter visto a foto àquela altura. Devia estar investigando o caso de agressão ao policial, e nada que eu fizesse poderia mudar isso, desviá-los do rastro. A única coisa que eu podia desejar era que ninguém na universidade me identificasse. Mas havia tanta gente com quem eu havia interagido: o pessoal do escritório de admissões, os funcionários da cafeteria e do alojamento, meu chefe e os outros zeladores, donos de lojas e todos os estudantes que estavam no campus durante o verão.

Saí do alojamento e do campus. Estava quente demais para usar um casaco e um cachecol para me disfarçar, mas eu tinha um boné, que enfiei na cabeça até os olhos. Parei na cabine telefônica mais próxima; ficava na esquina, ao lado de um posto de combustível.

Segurei o cartão de visitas na minha frente enquanto discava o número.

No terceiro toque, alguém atendeu.

— Mary Nesmith, por favor — solicitei.

— Um instante.

Esperei pelo que pareceu uma eternidade, mas deviam ter sido apenas trinta segundos.

— Aqui é a Mary.

Reconheci a voz.

— Oi — falei. — Aqui é o Mike.

Houve uma pausa, e então a voz dela ficou muito mais baixa.

— Você não pode me ligar aqui. Não posso receber ligações pessoais.

— Mas você me deu seu cartão de visita.

— Não achei que você fosse ligar.

— Eles têm uma foto minha, Mary. Está por todo o campus, em todos os expositores de jornais em todos os saguões.

— Ah, meu Deus. O que você vai fazer?

— Não sei — respondi. — Foi por isso que liguei. Seu telefone era o único que eu tinha.

Houve uma pausa.

— Eu apareço também?

— Não. Nem o rosto do John.

— Você falou com o Tommy?

— Não sei onde ele está. A polícia vai ver a foto, Mary. Eles vão fazer uma busca no meu quarto.

— Tem alguma coisa que eles podem encontrar?

Pensei em meus poucos pertences. Livros, roupa de cama, algumas roupas. Nenhuma foto que pudesse me ligar à do jornal.

— Nada importante.

— Ótimo.

— Acha que o Tommy vai mentir? Será que ele vai dizer que sou eu na foto? Com certeza ele será interrogado.

— O Tommy é... não sei o que ele vai fazer. Você tem um advogado?

— Claro que não, a menos que seu escritório queira me representar.

— Nós trabalhamos com divórcios e falências. Não somos advogados de defesa.

— Então o que eu devo fazer?

— Você vai ao encontro de hoje?

— Não sei onde é o Berkeley Rose Garden — falei.

- Fica a pouco menos de uma milha do campus — explicou ela.
- Pegue a Euclid e siga ao norte. Você vai encontrar.
- Vamos nos encontrar em um pavilhão ou algum lugar do tipo?
- Em uma sala. Eu mostro para você.
- Está bem.
- Pode me ligar de novo se precisar.
- Obrigado.

Eu estava prestes a desligar, mas ela disse:

- Mike?
- Oi?
- Tome cuidado.
- Farei o possível.

Desliguei. Não podia ir trabalhar. Não podia ficar pelo campus nem no quarto. E faltavam quase sete horas para a reunião. Precisaria encontrar algo para fazer o dia inteiro. Fui até a biblioteca pública. Era perto do campus, mas no saguão não haveria nenhum jornal da universidade.

Consultei o catálogo de fichas, em busca de livros de Direito. Queria ver o que me aguardava se eu fosse preso. Mas, após uma hora e cinco livros, não encontrei nada sobre a pena recomendada por tentar agredir um policial. Um livro, no entanto, deixava claro que havia uma grande diferença entre tentar agredir uma pessoa normal e um policial. Normalmente, a tentativa de agressão era considerada uma contravenção penal, mas, se a parte ofendida se ferisse — e um maxilar deslocado com certeza contava como ferimento —, haveria uma acusação criminal. Pior ainda, outro livro, que falava sobre as passeatas e os protestos dos anos sessenta, dizia que casos ocorridos durante uma revolta eram tratados de forma bem diferente. Eu poderia ser acusado por incitação à ordem pública, desacato a agente público e conduta criminosa. E a lei dizia que não importava se a causa dos manifestantes era justa ou não: tentar agredir um policial era sempre uma agressão, mesmo que o protesto fosse contra algo terrível.

Eu estava ferrado.

Conforme o dia passou, fui ficando sem assuntos para pesquisar, ao menos no que dizia respeito às leis. Mas eu não tinha nenhum

outro lugar aonde ir. Então me peguei procurando por outros livros. Livros relacionados ao Endgame. Não havia nada no catálogo com esse nome, exceto por uma peça de Samuel Beckett. Dei uma olhada, mas a peça não tinha nada a ver com o que John e Walter falavam.

Então, eu me lembrei do que Phyllis dissera sobre os Annunaki, os alienígenas citados nos documentos de Walter. Havia uma porção de resultados na seção de história. Os Annunaki eram um grupo de deuses da Mesopotâmia, o berço da civilização. Sumérios, assírios, babilônios. Segundo a lenda, eram os sete juízes do inferno. Seria possível que fossem mesmo alienígenas?

Olhei o relógio. A reunião começaria em uma hora.

Não sabia que segredos me esperavam. Estava em uma cidade nova, em uma escola nova, e não havia muitas pessoas em quem pudesse confiar. Estava encrocado e sozinho. Precisava manter a discrição, e talvez a Linhagem Zero me ajudasse. A essa altura, eu não tinha mais ninguém.

Capítulo Oito

Mary estava me esperando no carro quando cheguei ao roseiral. Ela usava um vestido estampado preto e branco — provavelmente tinha ido direto do trabalho — e correu até mim. Sem sorrisos.

— No caminho, passei por uma loja de equipamentos eletrônicos, e estava passando o noticiário da noite nas TVs da vitrine. Parei para assistir.

Ela atirou os braços ao meu redor.

— Estavam falando da passeata e mostraram a foto. Disseram que o policial ainda está no hospital... estão dizendo que você quebrou o maxilar dele.

— Merda.

Eu a abracei com força.

Ela recuou.

— Eles virão atrás de você, Mike. Com tudo. Foi o que disse um dos advogados lá do escritório... e, não, eu não contei que estava lá nem que conhecia você.

— O que devo fazer? — perguntei, o coração disparado. — Não posso voltar para casa. Não vou voltar.

— Talvez John saiba o que fazer. Enquanto isso, pare de fazer a barba. A gente pode tingir seu cabelo.

— Não posso voltar para o alojamento.

— De jeito nenhum. Vamos falar com o John. Ele vai saber o que fazer.

Ela enganchou o braço no meu e foi me levando até o roseiral. Parecia um anfiteatro romano: um grande semicírculo escalonado em vários degraus até um epicentro que levava a um túnel subterrâneo. Eu teria achado o lugar lindo se meu mundo não estivesse desmoronando. Apareci no noticiário. Todos deviam ter

visto. Não bastava mais me esconder do campus. Eu precisava me esconder de todo mundo em Berkeley.

— Vai ficar tudo bem — disse Mary.

Ela deve ter ouvido meu coração batendo... ele parecia dar pancadas no peito, ressoando nos meus ouvidos.

— Como vai ficar tudo bem? Você acabou de dizer que seu advogado acha que estou perdido.

— Só se encontrarem você.

— Aonde mais posso ir? Voltar para Pasadena? Passei minha vida toda tentando sair de lá.

— Você poderia conseguir um emprego e um apartamento.

— Não aqui. E a universidade? Eu sempre quis estudar em Berkeley. Economizei durante anos.

— Bem, aí está sua resposta. Fique na sua, alugue um lugar para morar fora da cidade, e espere tudo se acalmar. Eles vão atrás de você agora, mas logo vão mudar o foco. O maxilar quebrado de um agente não vai mobilizar toda a força policial.

— Obrigado, Mary, mas isso não muda o fato de que Berkeley já era para mim. De jeito nenhum poderei voltar para a universidade. Não acredito que isso esteja acontecendo.

— Nós nem sabemos se alguém sabe seu nome. Pare de ir ao trabalho, fique na sua e volte no outono, quando o semestre iniciar e você estiver de barba. As aulas nem começaram; ninguém vai se lembrar de você. Vai ficar tudo bem.

Concordei. Fazia sentido. Mas exigia que ninguém ligasse meu rosto ao meu nome, o que ainda me assustava.

Nós dois ficamos em silêncio quando chegamos à entrada do túnel. Era estreito e escuro, e o teto baixo e curvo se fechou sobre nós. Havia a silhueta de um homem parado no centro, segurando uma vassoura. Quando nos aproximamos, ele parou de varrer.

— Há alguma senha secreta? — sussurrei para ela.

— Não. Só damos dez dólares a ele.

Enfiei a mão no bolso, mas ela foi mais rápida e, em um instante, entregou o dinheiro. Ele abriu uma porta e nos deixou entrar em uma sala pequena e mal-iluminada.

A sala cheirava a óleo de motor e grama cortada. Era a sala dos equipamentos usados na manutenção do roseiral e do parque ao lado. Havia duas mesas, com uma cadeira cada, e um sofá detonado. Já havia cerca de 20 pessoas lá. Reconheci a maioria delas do fim de semana anterior. Jim levantou-se de uma das cadeiras e ofereceu o lugar a Mary. Ela não quis, mas ele insistiu.

Tommy correu até nós quando me viu.

— Mike! Eu estava preocupado, cara. Vi o jornal hoje de manhã, mas não fui ao quarto o dia inteiro. Estava esperando ver você aqui.

John também se aproximou. Apertou minha mão e me deu um tapinha nas costas. Estava usando um boné, mas dava para ver um curativo com gaze sob o tecido.

— Primeiro, o que importa — disse ele. — Nós vimos a foto. E quero que saiba que tem toda a nossa lealdade. Você é um de nós agora, Mike. É um membro da Linhagem Zero, se assim quiser.

Encolhi os ombros, irritado.

— Não sei em que posso ajudar vocês. Preciso sair da cidade. Se me encontrarem, estou ferrado.

— Eu sei, Mike. É uma situação ruim. Mas você pode ser de grande ajuda a muitos de nós. Bastante gente nesta sala está encrocada. Você sabe que eu sou desertor, não sabe? Walter também é.

— Eu estava lá na passeata com você ontem — falou Eugene, um cara magricela de barba rala. — Eu vi... você estava tentando ajudar o John. Eu teria feito o mesmo se estivesse mais perto. E olhe que tenho ficha na polícia.

— Eu também — disse Julia.

Jim assentiu com a cabeça.

Mary se inclinou na minha direção e sussurrou:

— Eugene já roubou bancos.

Henry, um dos caras mais velhos, com uns 30 anos, acenou com a mão.

— Eu tenho três mandados contra mim. Lesão corporal e posse de drogas.

Bruce fez que sim com a cabeça.

— Fui preso por sessenta dias por não comparecer a uma audiência.

— Está vendo, Mike? — disse John. — Nós entendemos. E vamos cuidar de você.

Assenti com a cabeça.

— Valeu, pessoal. Falando sério... não sei o que faria.

Não sabia o que faria sem a ajuda deles.

— Tipo, não conheço mais ninguém. Vocês são minha tábua de salvação.

— E vamos proteger você. Arrumar um lugar para você ficar — disse John. — É uma promessa.

Ele acenou com a cabeça para mim, mas então apontou para uma garota que eu não conhecia.

— Depois continuamos esse assunto — disse John. — Mas, primeiro, quero apresentar nossa convidada de honra. Agatha, uma ex-Jogadora da linhagem la Tène. Ela experimentou de perto esse estilo de vida.

Uma mulher de rosto pálido e cabelo louro-avermelhado se levantou. Não acreditei; ela era muito jovem! Esperava uma guerreira grisalha, não uma garota alguns anos mais velha que eu. Fiquei impressionado com a idade dela. Pessoas como ela decidiriam o destino do mundo.

— Agatha, você já foi apresentada a todos os demais — disse John. — Mary faz parte do grupo há um ano. E Mike é nosso mais novo recruta.

— O que eles têm a oferecer? — perguntou ela.

John pareceu surpreso com a pergunta e parou por um instante.

— Mary é extremamente inteligente, será advogada e apoia a causa com fervor. E você precisa ver a fazenda que ela tem no norte da Califórnia. Um terreno grande, isolado, reservado. Um ótimo lugar para treinar. Frequentamos o local há cerca de um ano.

— E ele? Qual a utilidade dele? Ao que parece, é um homem procurado.

Ela tirou um cigarro de um maço do bolso e acendeu. Deu um trago longo e profundo, então soprou a fumaça para o alto.

— Ele tem um famoso gancho de direita — respondeu John com um sorriso, dando uma piscadela para mim. — Apareceu na primeira página do jornal.

Não retribuí o sorriso. Pode ter sido algo esperto a dizer, mas eu ainda era procurado pela polícia. Ainda estava me perguntando onde dormiria naquela noite.

Agatha olhou para Mary, depois para mim.

— Estão todos aqui, então?

— Estão — respondeu John. — Podemos começar.

— Muito bem — disse ela, batendo a cinza do cigarro no piso de cimento. — Bem, por onde começar? Eu conheço todos vocês, embora não me conheçam.

— Eu lhe passei os nomes deles, mas... — falou John.

Agatha levantou a mão.

— Eu estive na região várias vezes, observando, desde que você entrou em contato comigo, John. Sei tudo sobre vocês.

John a encarou por um instante e, por fim, sorriu.

— Não falei? — comentou Walter.

John riu sem graça. Foi estranho vê-lo abalado. Mesmo na passeata, ele parecia estar com tudo sob controle.

— Bem, Agatha — disse John. — Nós temos Walter, da linhagem cahokiana. Ele nos contou tudo o que sabe, mas há lacunas.

— Antes de começarmos, quero deixar claro sobre o que estamos falando — afirmou ela. — O objetivo da Linhagem Zero é parar os Jogadores, interromper o Endgame antes que ele aconteça de verdade, certo?

— Exatamente — respondeu Walter. — Estamos cem por cento comprometidos. É tudo ou nada.

— Ótimo — disse ela.

Apesar das sardas e do cigarro, ela parecia uma especialista, uma guerreira, uma sábia.

— Porque é só assim que vocês farão a coisa funcionar. Todos precisam concordar. Todos os Jogadores devem ser detidos. Precisamos fazer com que todos vejam para o que é o Endgame. Mesmo que apenas um deles aja pelas costas dos outros e procure as chaves, ele ainda pode “vencer” essa coisa maldita.

Ela falava como alguém muito mais velha do que parecia. Eu precisava admitir que era intimidante.

— Há muitos anos, soube de documentos a respeito das origens do Endgame. Eu os roubei do arquivo da sede la Tène — continuou ela, entregando um maço de folhas soltas a John, que deu uma olhada neles e os passou a Walter. — Poucas pessoas sabem sobre esses documentos. Fui excomungada da minha linhagem por tê-los roubado. E pior: no dia em que comecei a fazer perguntas, mataram minha irmã. Eles me disseram para manter a boca fechada e que se eu voltasse a me pronunciar contra o Endgame, se eu algum dia fizesse algo, falasse com você, por exemplo, seria morta. Mas descobri a verdade. Custou minha família e a única vida que conheci, mas descobri a verdade. Desde então venho fugindo, vivendo escondida, mas jurei a mim mesma que encontraria uma maneira de interromper o Endgame. Se querem saber a verdadeira história, leiam esses documentos.

Walter estava folheando. Parecia ter visto um fantasma. Ele enfiou a mão no bolso da camisa para pegar o papel que havia lido para nós e depois olhou mais uma vez a última página dos papéis de Agatha.

— É igual — observou Walter, espantado.

— Igual a quê? — perguntou Agatha.

Walter entregou o papel do bolso a ela.

— Roubei este aqui do cofre cahokiano.

Agatha leu o documento, e Walter devolveu a John as outras páginas.

— Não sabemos de onde vem — disse Agatha. — Foi escrito por um integrante da Irmandade da Serpente. Eu traduzi do latim. Annunaki é uma palavra suméria, mas pode significar muitas coisas: Povo do Céu, Deuses, Criadores, alienígenas.

Ela se aproximou de John, virou algumas páginas.

— Leia. Em voz alta.

John limpou a garganta.

A presença dos Annunaki nas páginas da história humana torna-se óbvia quando se sabe onde procurar. As digitais deles

estão por todo o lado. Encontramos os Annunaki nas imensas cabeças de pedra da civilização olmeca, da América Central, cujas representações de antigos governantes incluem cocares de pedra com entalhes sofisticados — na realidade, são capacetes dos Annunaki que protegem da intensa luz do sol, identificando esses governantes como alienígenas disfarçados. Embora uma erupção vulcânica no primeiro milênio a.C. tenha determinado o fim dos olmecas, pessoas suficientes sobreviveram para transmitir a cultura às civilizações que os sucederam. Assim, mesmo nas tradições maias e astecas, vemos vestígios do Povo do Céu.

Nós esquecemos o que somos. Nós nos esquecemos de onde e de quem viemos. E nossos criadores não aceitarão de bom grado esse descuido. Os Annunaki são, como já disse, uma espécie orgulhosa. Eles anseiam pela adoração e pelo temor de seus servos humanos.

Não apreciam serem esquecidos.

Os Annunaki não foram bons conosco, mas, a seu modo, foram generosos. Nosso sucesso como espécie se deve apenas às intervenções constantes e contínuas deles. Nós nos esquecemos disso também.

Acreditamos que não devemos nada a qualquer ser além de nós mesmos. Acreditamos que somos o poder mais alto do universo. Nós nos tornamos orgulhosos, tão orgulhosos quanto nossos antigos mestres.

Temo que os Annunaki não irão tolerar isso por muito mais tempo.

O Endgame é a punição, a lembrança deles a nós, à espécie humana, de que não passamos de ferramentas. O Endgame é o modo que encontraram para nos colocar em nosso devido lugar. Eles nos derrotaram uma vez — ensinaram-nos a humildade, a obediência e o temor. Podemos ter esquecido, mas os Annunaki, não.

Eles têm grande paciência, esses seres das estrelas. Mas sua paciência não é infinita, e o tempo se esgota.

Prestem atenção: eles estão chegando.

Está chegando.

O Endgame está chegando.

Não podemos evitá-lo. Eu, com certeza, não posso evitá-lo.

Mas farei o possível — sempre fiz.

Registrei o que sei nestas páginas, e farei tudo o que estiver em meu poder para divulgar essa informação entre as linhagens, de modo que elas, assim como seus Jogadores, saibam a verdade.

Para que vocês saibam a verdade.

A sala estava em silêncio.

Parecia muito real, uma história consolidada. Se esse documento estivesse dizendo a verdade, o Endgame parecia apavorante. Eu estava começando a compreender por que a Linhagem Zero faria qualquer coisa para interrompê-lo. Mas, quanto mais eu pensava naquilo, mais parecia uma tarefa maior do que nossos esforços. Se o Endgame era real, impedi-lo era algo possível?

— Podem ficar com esta cópia — disse Agatha. — Leiam, todos vocês.

— Este documento deteve a linhagem la Tène? — perguntou John, olhando uma das páginas fixamente.

— Em parte, foi o que me convenceu a mudar de ideia. Mas poucos concordam comigo, e desses poucos, nenhum ousaria arriscar a vida para falar a respeito. Ainda mais depois que fui expulsa. Não foram muitos os que tiveram acesso a esse documento ou sequer sabem de sua existência. Perguntei sobre ele às pessoas erradas. Os membros poderosos da linhagem não queriam que todos soubessem que eu estava questionando o Endgame. Eles estão do lado errado. Estou feliz por ter saído. Então, das doze linhagens, vocês não precisam se preocupar com a la Tène. Eu me encarrego do Jogador la Tène.

— Fale sobre os Jogadores — pediu Julia. — Eles são como você?

— O que você quer dizer? — indagou Agatha. — Quer saber se “são muito bem-treinados” ou se “estão pensando em desistir”?

— As duas coisas, acho.

— Todos são altamente treinados. Mas uma coisa de que é preciso lembrar é que alguns Jogadores são muito jovens. Eles precisam ter mais de treze e menos de vinte anos. Eu tenho 22 e estou certa de que poderia dar fim a qualquer um com facilidade. Não dá para prever o que vai acontecer quando se está frente a frente com alguém da minha idade que tenha tido tanto treinamento e seja tão experiente quanto eu. Mas nenhum de vocês, com a possível exceção de Walter, jamais deve enfrentar um Jogador sozinho. Eles vão comê-los vivos. Mesmo os de treze anos.

— Então nos diga o que devemos fazer — disse Tommy. — Precisamos localizar onze pessoas e convencê-las a desistir de tudo, como você. E somos apenas vinte e um. Primeiro, como os encontramos e, depois, como os detemos?

Agatha se alongou.

— Posso ajudar a encontrá-los. Há espiões na la Tène. Como em todas as linhagens, não é, Walter?

Walter assentiu com a cabeça.

— Sabemos onde todos os demais estão vivendo — contou ela, pegando a garrafa de uísque de Walter e dando um gole generoso. — Ainda tenho amigos suficientes na minha linhagem para obter as informações mais recentes. Podemos chegar às sedes deles.

— Mas, Tommy, você tem razão — falou John. — Se nos dividirmos em unidades menores, de duas ou três pessoas, não vamos querer enfrentá-los. Agatha, Walter e eu conversamos e temos um plano. Vamos levá-lo a votação, é claro.

Henry cruzou os braços e soltou um grunhido. Ele era veterano do Vietnã, e fiquei com a impressão de que não gostava de responder a alguém que havia desertado — tampouco da ideia de que um garoto poderia derrotá-lo.

— Primeiro, Agatha, fale mais sobre o Chamado — pediu John.

Ela deu mais uma tragada no cigarro.

— O Chamado é um grande evento que será visto por todos os Jogadores em escala global. Então, não estamos falando de um terremoto em Istambul. Seria um terremoto em Istambul e Nova York e Ulaanbaatar e em todos os outros lugares onde os Jogadores

estão. Quando o Chamado ocorrer, cada Jogador receberá uma mensagem sobre um encontro em determinada localidade.

— Como você sabe? — perguntei.

— Não sou *eu* que estou dizendo — respondeu Agatha. — Foi o conselho que nos informou. O Chamado nunca aconteceu. Tudo o que temos são lendas e documentos antigos.

— Mas isso é bom, não? — perguntou John. — Significa que é improvável que venha a acontecer em breve?

— Sim, mas depois falamos disso. Por ora, pensem no Chamado como um desastre cujo objetivo é atrair nossa atenção. Desastres naturais: terremotos, incêndios, furacões, tornados. Nós literalmente teríamos um tornado em cada cidade onde houver um Jogador.

— Então, me diga se estou entendendo direito — disse Kat. — O que vamos fazer é seguir suas orientações para encontrarmos as outras onze sedes e convencer todos os Jogadores a assinar uma espécie de acordo de paz?

— Não — respondeu Agatha. — Vocês não podem entrar em uma sede. Se você fosse à minha casa e pedisse para me ver, os membros da linhagem matariam você na hora e forjariam seu desaparecimento. Ninguém jamais a veria ou saberia de você novamente.

— Mas e aí? — perguntei. — Deve haver alguma coisa que possamos fazer. Como encontramos você?

— Vocês não me encontraram. Eu encontrei vocês. Encontrei Walter primeiro. Faz muito tempo que procuro uma saída. Há alguns outros grupos como o de vocês, pessoas que descobriram sobre o Endgame. Mas nenhum é tão organizado, ninguém sabe tanto quanto vocês. Vocês são nossa melhor chance.

John abriu um caderno. Havia dezenas de papéis. Ele nos olhou.

— Nós trocamos cartas há algum tempo.

— Acontece que todos nós, Jogadores, estamos sob constante ameaça de morte no caso de as coisas não saírem bem — contou Agatha. — Estou de olho em vocês há tempos. Levei meses para acreditar que eram de verdade... e estavam falando sério sobre parar o Endgame.

Kat se pronunciou mais uma vez. O sarcasmo estava evidente em sua voz.

— Então é isso *mesmo* o que vamos fazer? Escrever cartas para todos os Jogadores?

— Não — respondeu John com firmeza. — Vamos forjar um Chamado falso.

Capítulo Nove

— Como diabo forjaremos um Chamado? — perguntei.

A história de Agatha era convincente — pelo menos ela parecia sincera —, mas como forjaríamos um terremoto? E ainda por cima em âmbito global?

— Eis o plano — disse John. — Vou repassá-lo e explicar exatamente o que precisamos fazer, depois discutiremos os detalhes.

Mary me olhou. Seus olhos estavam arregalados de animação e determinação. Vi em seu rosto. Sem mais conversas. Era aquilo. Enfim, a Linhagem Zero havia encontrado seu propósito.

— Vamos usar explosivos e atingiremos todos os doze locais ao mesmo tempo, em todo o mundo — contou John. — Com os explosivos, deixaremos uma assinatura, o símbolo das Olimpíadas de Munique. Eles vão interpretá-lo como uma mensagem dos Criadores dizendo aonde precisam ir. Estaremos à frente, iremos para lá antes e esperamos que cheguem. E, então, bem, pararemos o jogo.

Henry deu uma risada irônica.

— Assim parece fácil.

— Bem, vamos analisar cada etapa por vez — disse John. — Primeiro, usamos explosivos que o Lee e a Lin têm deixado às escondidas em diversos depósitos em todo o mundo.

Olhei para Lee e Lin. Eles não eram muito mais velhos do que eu, mas eram contrabandistas?

— Projetamos a bomba, e Lee fez uma verdadeira obra-prima — anunciou Walter, segurando um grande rolo de tecido preto.

Quando o abriu em cima da mesa, vi que era um símbolo que eu havia visto nos documentos — uma espiral retangular.

— Isto vai deixar uma marca em paredes, pisos, asfaltos, gramados... onde quer que plantemos a bomba.

— Então eles vão ver essa marca e ir direto para Munique? — perguntou Tommy.

— Exatamente — confirmou John. — Há uma réplica deste símbolo na praça olímpica. Uma coisa grande de cimento. Vi imagens na TV e nos jornais. Bem o tipo de lugar onde se veria a reunião de um grupo.

— Agatha ajudará a identificar quem é quem para termos certeza de que todos estarão lá — acrescentou Walter.

— E nós vamos simplesmente nos aproximar desses assassinos treinados e explicaremos por que eles não devem jogar? — perguntei, desconfiado.

— Vamos usar Agatha como exemplo. Vamos convencê-los a desertar, como ela, quando o *verdadeiro* Chamado ocorrer. Vamos convencê-los a se unir à Linhagem Zero, a abandonar suas linhagens e suas vidas como Jogadores. Senão...

— Senão o quê? — perguntei.

Os olhos de Walter brilharam.

— Senão, nós vamos detê-los de uma vez. Vamos matá-los. Mandaremos uma mensagem poderosa às linhagens, dizendo que o povo deste mundo não apoiará o Endgame.

— *Matá-los?*

A mão de Mary agarrou minha perna com força, e eu me virei para encará-la nos olhos.

— Só se eles não nos ouvirem, Mike — disse ela. — Todos estaremos lá para explicar. E Agatha está nos oferecendo mais... ela roubou muitos documentos.

— Vocês precisam entender que essas pessoas são treinadas para matar — insistiu Agatha. — Elas podem matar com uma bala, uma faca ou a lateral da mão. E não têm sensibilidade à dor e ao medo. Sim, acho que podemos argumentar com alguns deles. Mas não com todos. O mais importante é pará-los. E não podemos hesitar, porque eles certamente não hesitarão. Isso é tudo.

Ela se inclinou para a frente.

— Não podemos deter os Criadores. Mas podemos deter os Jogadores. Podemos convencê-los a pôr um fim a este feudo de linhagens multimilenar.

Inspirei fundo e preendi a respiração. Se os Jogadores não concordassem, iríamos detê-los. Nós iríamos matá-los. Se estivessem mortos, os Jogadores não poderiam vencer o jogo. E, se ninguém vencesse, nenhuma linhagem seria varrida da face do planeta. Matar 12 — 11 — adolescentes salvaria o mundo. Expirei, olhando Mary nos olhos. Ela acreditava nisso. E eu queria muito acreditar nela, *estar* com ela. Eu sentia que, se decidisse sair da Linhagem Zero, um futuro com Mary seria improvável.

— Será que não interpretarão o acontecimento como falso? — perguntou Bruce. — Explosões de bombas comuns?

Agatha balançou a cabeça.

— Não nas sedes. Explosões coordenadas nesses locais sensíveis... e ainda há outras coisas. Não temos muito tempo para nos prepararmos. Além dos treinadores, as melhores e mais brilhantes mentes da linhagem la Tène vêm fazendo pesquisas. No decorrer desses estudos, eles falaram com alguns cientistas da NASA, que disseram que um meteoro está vindo em nossa direção. Ele pode colidir com a Terra ou apenas passar pela atmosfera como uma bola de fogo. Mas é o tipo de coisa que poderia ser compreendida como um sinal do Chamado. Falei com um amigo sobre isso na semana passada, e o asteroide deve entrar na atmosfera ou passar por ela em torno do dia 10 de agosto. Não dá para forjar isso.

Ela tinha razão. Não dá para forjar isso. Mas não foi o que me convenceu. Foi olhar para Mary. Não éramos da mesma linhagem. Eles haviam dito que eu devia ser minoico, e ela, provavelmente, la Tène. Eu não tinha mais nada. Não podia voltar a Berkeley, não podia voltar para meus pais. Eu precisava deixar a barba crescer para continuar livre na cidade, e ainda assim era arriscado. Então, poderia alugar um apartamento, arrumar um emprego de merda e dar adeus a Mary, ou poderia ir com ela e fazer alguma coisa que salvasse vidas.

Se fosse verdade.

Tinha que ser verdade.

*

Agatha desapareceu depois da reunião. A única prova que deixou foi o livro e um punhado de folhas soltas, e John quis ficar com eles para lê-los primeiro. Ele disse que passaria adiante em breve. Eu me perguntei se alguém havia seguido Agatha – será que alguém tipo o Walter, da linhagem la Tène, a teria visto ir ao nosso encontro e nos mataria se nos envolvêssemos?

Não fui o único a me perguntar se não era tudo uma armadilha: uma ex-Jogadora la Tène planejando nos fazer deter os outros Jogadores e abrindo o caminho para ela. Tommy e eu falamos sobre isso, e ele expressou as mesmas preocupações quando me levou algumas das roupas que havia em nosso quarto. Mary estava mais confiante, mas ela sempre parecia mais confiante.

Nos cinco dias seguintes, fiquei em um motel nos arredores da cidade. Os planos estavam feitos, e todos começaram a cuidar de suas incumbências. Toda a Linhagem Zero ia passar os vários meses dali até agosto na fazenda de Mary, escondendo-se em uma estrada secundária qualquer, em processo de preparação e treinamento, aprontando-se para que o meteoro sinalizasse um Chamado.

Era um trajeto de apenas cinco horas. Mary poderia ir para casa nos finais de semana, sem dar aos pais qualquer motivo para pensarem que ela não estava dando continuidade ao estágio e aos estudos.

Ela foi ao motel todos os dias. E, no último dia, passou a noite.

Capítulo Dez

Em Reno, a cidade mais próxima, compramos alguns dos suprimentos que não achávamos que encontraríamos em Susanville: três pares de walkie-talkies, quatro barracas grandes de lona, um machado, alguns braseiros e frigideiras de ferro fundido e lona encerada. Walter supervisionava nossas compras.

Mais tarde, paramos em uma loja de sobras do exército, e Walter encheu os carrinhos com três rolos imensos de rede de camuflagem, roupas camufladas para todos (embora Lin e Mary não tenham encontrado tamanhos pequenos o bastante para elas e Rodney, um tamanho em que coubesse sua barriga de cerveja). A maior parte dos equipamentos era da Guerra da Coreia ou da Segunda Guerra Mundial. Walter encontrou duas roupas ghillie, que logo comprou, embora fossem de tamanhos muito estranhos — um muito pequeno e o outro muito grande.

Nossa parada final em Reno foi no mercado, onde nos abastecemos com caixas de enlatados: feijão, milho, chili e pêsego. Limpamos as prateleiras de batata desidratada e macarrão instantâneo.

Seguimos a maior parte do trajeto até a fazenda de Mary em silêncio.

— Vamos ficar aqui por um tempo — falei. — Qual a chance de sua família aparecer?

— Meus pais normalmente só aparecem no outono, para a temporada de caça. Mas, se descobrirem que não estou em Stanford, podem vir atrás de mim.

John se aproximou da janela do lado de Mary.

— Vamos deixar Bruce, Jim e Walter vigiando a estrada. Depois discutiremos os detalhes de segurança, e o resto de nós seguirá até...

Ele passou o mapa a Mary.

— Escolha o lugar menos provável de eles procurarem.

— Sheep Creek Canyon — disse ela, sem nem olhar. — Não há nada lá... é só um monte de pedras, e o riacho está sempre seco. Meu irmão e eu íamos a cavalo, mas meu pai nunca teve motivo para ir lá. Além disso, tem um bom espaço para montarmos uma área de tiro e um laguinho para pescar.

— Dá para chegar de carro?

— Tem muitas pedras, mas é nossa melhor aposta. Pelo menos por ora.

Ele assentiu com a cabeça e sorriu.

— Só estou tomando todas as precauções. Acho que vamos ficar bem.

— Estou aqui com vocês — disse ela.

— Estou empolgado — comentou ele, batendo no capô do carro de Mary. — Vamos fazer o bem. Posso entrar no carro?

— Claro — respondi. — Vai ficar apertado.

— Bem, somos todos bons amigos — disse ele, dando uma risada.

Henry pegou o lugar de John na van. Mary guiou a caravana, com a van logo atrás. Henry parou três vezes para deixar a equipe de segurança — primeiro Walter, ao lado de umas árvores, depois Jim, no alto de uma colina e por fim Bruce, na casa. Cada um deles tinha um walkie-talkie, e John ficou com o outro para si.

— Além da M14, temos rifles de caça e espingardas lá dentro — lembrou Mary a John enquanto observávamos Bruce. — Mas não é bastante para todos.

— Pensei nisso — disse John. — Vamos precisar de treinamento. Treinamento sério, pra valer. Para treinarmos até agosto, vamos gastar muita munição.

Fiz que sim com a cabeça e respirei fundo. Eu sabia que estávamos nos preparando para algo intenso. Ia ser difícil. De longe, a coisa mais difícil que eu havia feito na vida. Sem comparação.

Inspirei fundo mais uma vez e expirei devagar. Disse a mim mesmo que tudo ficaria bem. E pensei na brutalidade de que Agatha havia falado: os assassinos frios que teríamos que deter. Eu sabia da

importância de nossa missão — pela preservação da humanidade. Estava comprometido. Mas isso não afastou meus medos.

John me entregou o walkie-talkie e virou o botão para aumentar o volume.

— Certo, estou uns trinta e cinco pés acima dos abetos. Tenho uma boa visão em todas as direções. Vejo dois carros vindo do sul. Espere... deixe-me ver pelo telescópio — falou Walter.

— Eles estão com rifles? — perguntou Mary.

— E miras telescópicas — disse John.

— Certo — anunciou Walter. — Um Ford Galaxie e uma perua. Acho que é uma Chevy Brookwood. O Galaxie é azul, e a Brookwood, bege. Nenhum deles está diminuindo a velocidade.

— O que farão se virem o carro do meu pai? Não vão atirar nele, vão? — perguntou Mary, sem tirar os olhos da estrada.

— Não — disse John. — De jeito nenhum. O objetivo é observá-lo cuidar do que veio fazer e deixá-lo ir embora. Ei... essa poça de lama é bem grande. Tem alguma outra estrada que podemos pegar para não deixarmos pistas?

— Tem — respondeu Mary.

Ela seguiu por sucessivas vias laterais. Passamos por diversas construções: dois celeiros, um galpão de ferramentas, um criadouro, vários currais, tanques de água e um barracão. E Mary disse que havia mais nos campos e nos bosques.

Perto da estrada do cânion, John pegou o walkie-talkie e disse a Eugene e Kat, que estavam em um Jeep — o veículo mais resistente do grupo —, para subirem os outros três cânions e verem se havia mais alguém por lá.

A estrada Sheep Creek era pior do que Mary descrevera. Era estreita — assustadoramente estreita —, e havia um precipício de 50 pés em um dos lados. A estrada era toda feita de pedras do tamanho de bolas de beisebol. A van larga deve ter sido a que mais sofreu, deslizando nas pedras, perigosamente perto da beirada.

Após meia hora, a estrada se alargou, e Mary parou na lateral. Os carros atrás de nós fizeram o mesmo.

— Chegamos — anunciou. — Logo acima desta barragem tem um prado. Antigamente, eu trazia meu cavalo aqui.

Mary foi até o porta-malas e pegou uma serra enquanto todos saíamos dos carros. Ela me entregou a ferramenta.

— Precisamos cobrir os carros com ramos de pinheiro. Muitos desses fazendeiros têm pistas de pouso e pequenos Cessnas.

John se virou para Henry e Phyllis.

— Armem essas barracas. Sigam Mary... ela vai lhes mostrar o local.

Mary estava ouvindo o walkie-talkie.

Deixei dois pinheiros quase nus, serrando os ramos mais baixos e colocando-os, um após o outro, em cima do carro. Antes que eu tivesse terminado, as barracas já estavam armadas, com as redes de camuflagem estendidas por cima delas e dos carros.

A cada cinco ou 10 minutos, Eugene informava que eles haviam conferido alguma construção e estavam seguindo para outra. A pior espera foi quando subiram até o Christmas Tree Canyon a fim de revistar uma pequena cabana de caça. Foram 45 minutos para ir e 45 minutos para voltar. Henry e Tyson passaram esse tempo cortando lenha para uma fogueira. Douglas acendia um cigarro no outro. Rodney surpreendeu a todos com sanduíches, e eu entendi por que a delicatessen dele era tão lucrativa.

Por fim, Jim informou que Eugene e Kat haviam voltado da cabana de caça, a última construção em que talvez encontrássemos algum parente de Mary, e estava tudo vazio. Ele ia parar na casa mais uma vez.

Mary e eu nos sentamos no chão e conversamos, e eu desejei, não pela última vez, que estivéssemos a sós e jamais tivéssemos ouvido falar em Endgame ou na Linhagem Zero.

Capítulo Onze

Na manhã seguinte, acordei cedo. Tommy estava do meu lado, e Larry e Bruce, do outro. Eu era o único acordado e me vesti com cuidado, tentando não incomodar ninguém. Saí da barraca e conferi se não havia insetos nos sapatos, uma lição aprendida no serviço florestal: não era incomum encontrar besouros e aranhas e, uma vez, achei um escorpião.

Não havia luz do sol no prado, e o céu ainda estava cinzento. Fui até uma árvore grande caída, onde Walter, John, Jim e Julia estudavam um mapa. Barbara e Kat haviam feito uma pequena fogueira e estavam se aquecendo.

— O que vocês estão fazendo de pé tão cedo? — perguntei.

— Tentando montar uma rotina de treinamento — respondeu Walter sem desviar os olhos do mapa.

Ele balançou a cabeça.

— Estou dizendo, John — continuou. — Não há tempo de aprontar essas pessoas para um combate direto com um Jogador.

— Não acho que elas possam derrotar um Jogador — disse John. — Mas com treinamento se desenvolve disciplina. E, se forem capazes de sobreviver um minuto a mais de luta com um Jogador, é um minuto extra para alguém armado aparecer e ajudar.

— Isso pode lhes dar segurança. Vamos nos preocupar primeiro com as armas, depois veremos o que posso fazer.

— Bruce sabe caratê — disse Julia. — Ele disse isso no carro a caminho daqui. Poderíamos deixá-lo encarregado.

Walter não respondeu, mas John assentiu com a cabeça.

— Boa ideia. Então, do que precisamos para a área de tiro? Uma pistola para cada um, e um rifle também?

— Como vamos levar nossas armas até a Alemanha? — perguntei.

— Lee e Lin — respondeu John. — Três semanas antes de irmos, vamos enviá-las, e eles farão o contrabando mágico deles.

— Somos vinte e uma pessoas — falei. — Onde vamos conseguir tantas armas?

— Excelente pergunta — comentou John, sorrindo e me dando um tapinha no ombro. — Estamos escolhendo uma equipe exatamente para isso, e pensamos que você seria um bom candidato.

— Um bom candidato para quê?

— Eu tenho rifles — disse Mary, como se não soubesse ao certo o que John queria dizer. — Podemos usá-los como sempre fizemos.

— Estou pensando que precisamos de mais armas de aproximação. Caso seja necessário um tiro de longa distância em um Jogador, um rifle de caça será bastante útil, mas se errarmos e eles fugirem, já era. Precisamos de gente no solo com pistolas, submetralhadoras, armas de assalto. Qualquer coisa semi ou totalmente automática. Precisamos treinar com elas e levá-las até o local do Chamado.

— Posso ensinar regras de segurança no manuseio de armas — sugeriu Julia. — Empunhadura correta também. Mas até isso vai depender, pois não sabemos que tipo de armas cada um vai usar.

— Então vamos roubar uma loja de armas — sugeriu Walter, parecendo muito mais sóbrio do que eu estava acostumado a vê-lo.

— O quê? — disse Bruce, aparecendo atrás de nós. — Talvez vocês não entendam como funcionam as pessoas que vendem armas. Eles não se assustam e entregam a carteira e dizem que está tudo bem e pedem, por favor, para você não atirar. Proprietários de lojas de armas têm uma espingarda de cano curto atrás do balcão e anseiam pela oportunidade de usá-la.

Walter pareceu indiferente.

— Se você fosse fazer isso, Bruce, como seria?

— Bem, eu não faria.

— Se tivesse que fazer.

Ele suspirou.

— Mandaria alguém antes para sondar o lugar. Mas não poderia ser alguém que parecesse estar sondando. A pessoa precisaria conhecer sobre armas e só entraria e sairia. Entraria para comprar

alguma munição. Contaria o número de clientes na loja. Se houver clientes na loja, eles serão tão maus quanto o cara no balcão. Poderão estar armados. É preciso conferir se há funcionários nos fundos da loja, mas sem deixar isso óbvio.

Ele esfregou os olhos sonolentos e continuou:

— Daí, se não houver clientes nem ninguém nos fundos da loja, vocês entram rápido e com tudo... armas para cima, todo mundo pronto para atirar no cara atrás do balcão antes que ele pegue a espingarda. E marquem o tempo perfeitamente com quem for se passar por cliente para ir sondar: essa pessoa deve cortar o telefone no instante em que vocês entrarem.

Walter coçou a barba e acendeu um cigarro.

— Foi mais ou menos o que imaginei também.

Ele deu uma longa tragada no cigarro e soprou a fumaça pelas narinas.

— Julia fará a sondagem — sugeriu. — Ela sabe muito sobre armas. A equipe de assalto vai ser composta por mim, Bruce, Mike e Tommy.

— Não — disse John a Walter. — Se algo der errado, não podemos nos dar ao luxo de perder você.

— Então nós somos dispensáveis? — perguntou Bruce.

— Quero que você seja o líder do grupo — disse John, baixando a voz. — Preciso que limpe a loja. Rifles, revólveres e munição. Montes e montes de munição. Não precisamos de rifles de caça. O pessoal está voltando do Vietnã, precisando de dinheiro, e para isso eles estão vendendo suas lembranças. Estou falando de qualquer coisa automática ou que seja vendida nos fundos da loja: modelos AK-47, MAC-10, AR-15, granadas, lançadores de granadas, morteiros. Vocês vão reconhecer quando virem. As mercadorias boas. Mas peguem tudo. Levem a van.

— Quero pelo menos mais um cara — pediu Bruce. — Julia vai sondar, e ela pode cortar as linhas telefônicas, mas isso me deixa apenas com Mike e Tommy. Quero pelo menos mais um com experiência real de combate.

— Eu só atirei em alvos com um rifle — falei, sentindo o coração começando a acelerar. — Nada de curta distância. Nunca uma

pessoa.

John me deu um tapa no ombro e disse:

— Mike tem um soco feroz. Acho que ele vai ensinar todos nós sobre combate mano a mano nos próximos meses.

— Ouvi dizer que não se deve levar uma faca para uma briga com armas. Mas os punhos? Acho que a arma levaria a melhor — zombei.

— Certo — disse John. — Bem, nós lhe damos uma arma, mas você tem um bom instinto. Esse é o segredo.

— E Eugene? — sugeriu Bruce. — Ele assaltou dois bancos. É meio parecido.

— Tudo bem — disse Walter, assentindo com a cabeça. — Eugene está lá na frente vigiando a entrada. Leve Lee com você e faça a troca.

Bruce concordou e foi para a barraca pegar uma arma.

Encontrei Mary sentada em uma pedra ao lado da fogueira, com as mãos estendidas para aquecê-las.

— O que houve? — perguntou ela, quando me sentei ao seu lado, e pôs a mão no meu joelho.

— Vamos roubar uma loja de armas — contei, tentando parecer o mais despreocupado possível, mas morrendo de medo por dentro.

Um mês antes, eu jamais havia cometido qualquer crime mais grave que uma multa de estacionamento. Mas então havia agredido um policial e estava prestes a cometer assalto à mão armada. Eu concordava apenas 51 por cento com esse plano. Precisávamos das armas, claro, mas e se o dono da loja pegasse uma arma e matasse todos nós? Antes eu pensava que ser preso era a pior coisa que poderia acontecer comigo. Naquele momento, no entanto, não acreditava no que havia me metido.

Eu ainda podia ir embora. Podia pegar o carro de Mary e seguir até a rodovia. Ir para o Canadá e viver dos meus 3.000 dólares, arrumar um emprego, alugar um apartamento. Ficar escondido.

— Mike — disse Mary, apoiando-se em mim. — Não deixe nada de idiota acontecer. Não sei o que eu faria sem você.

— Mary. Eu vou ficar bem.

— É o que todo mundo diz. Só prometa que será esperto e vai ficar fora da linha de fogo.

— Prometo — respondi. — Foi o que o John me disse. Juro, eles disseram que me querem porque sei dar um bom soco, mas tenho certeza de que só precisam de mais gente para encher a van de caixas de munição.

Ela se virou para mim.

— Mike, eu gosto mesmo de você.

Eu a encarei de volta, nossos rostos separados por poucos centímetros. Toquei-a no rosto com as mãos frias.

— Também gosto de você. Mais do que jamais gostei de alguém.

Nós nos beijamos, lenta e silenciosamente. O rosto de Mary estava frio, mas os lábios, quentes, e ela me abraçou. Prometi tomar todas as precauções possíveis.

Ela poderia ter me convencido a não fazer aquilo. Meio que esperei que fizesse isso. Mas não fez. Ela queria que eu fosse. Acho que foi nesse momento que tudo mudou para mim. Foi quando abracei a Linhagem Zero com tudo. Quando soube que seguiria Mary aonde quer que ela me levasse.

Olhei para o outro lado da fogueira. Lee e Lin sorriam para nós.

Apontei para o outro lado da fogueira.

— Lee, você vai ser promovido a vigia.

— Legal — disse ele com um aceno de cabeça.

— Tome cuidado — aconselhou-me Mary.

Havia mil palavras nos olhos dela. Uma centena de emoções. Mas tudo o que saiu foi “tome cuidado”.

— Não quero fazer isso — falei.

— Não tem problema sentir medo — disse ela. — Mas coragem é isso, não é? Sentir medo e ir em frente mesmo assim.

Ela me segurou pelos ombros e me olhou nos olhos.

— Tome cuidado.

— Pode deixar.

Capítulo Doze

Bruce, John e Walter decidiram que iríamos passar de Susanville, chegando a Redding. Era uma cidade maior e à qual nós jamais precisaríamos voltar — ou assim esperávamos. A mudança no trajeto acrescentou duas horas de viagem na ida e na volta, o que dava à patrulha rodoviária mais duas horas para nos apanhar se suspeitassem do que havíamos feito. Mas precisávamos de armas boas, e aquela era nossa melhor aposta.

Acordamos Eugene e o informamos sobre o plano.

— Será que esse lugar tem equipamentos de visão noturna? — perguntou ele. — O Pato Donald podia ter aparecido na noite passada quando eu estava de vigia, e eu jamais o teria visto.

— É uma loja de armas, não de sobras do exército — disse Bruce enquanto entrávamos na van. — Além do mais, essas coisas devem ser tão caras que ninguém jamais deixaria uma delas ir parar em uma loja de armas em Redding.

— Quem sabe? — disse Julia. — Como John disse, os veteranos que estão voltando para casa podem trazer qualquer coisa.

— E você? — perguntou Bruce. — Você é artista. Era de se esperar que fosse uma daquelas hippies pacifistas. Por que se juntou a nós?

— Por que todos nós estamos nessa? — perguntou Julia. — Estamos tentando salvar o mundo.

— Deve haver algo mais do que isso.

— Bem, eu era jovem demais para participar dos protestos dos direitos civis — contou ela. — Agora, enfim, tenho a oportunidade de fazer minha parte por uma causa que é importante para mim. Não posso ficar sentada deixando o Endgame acontecer.

Seguimos por entre as fazendas e florestas do norte da Califórnia, e, toda vez que via uma cabana ou um chalé, eu me imaginava

morando lá com Mary, envelhecendo junto com ela.

Caí no sono, e Tommy me acordou assim que entramos em Redding. Demos algumas voltas por um tempo, olhando as lojas, antes de Bruce parar em um posto de combustível e arrancar o mapa do guia telefônico enquanto enchia o tanque.

Além das lojas de penhores, que Bruce disse que renderiam mais problemas do que valiam, havia apenas uma loja de armas na lista: Dead Zone Guns 'n' Ammo. Depois que Bruce nos situou nos mapas, levamos cinco minutos para chegar.

— Você sabe o que fazer, Julia? — perguntou Bruce.

— Relaxa, ou vai acabar matando alguém — disse ela. — Sei o que estou fazendo. Pare a van bem ali, embaixo da linha telefônica.

A loja ficava em uma construção avulsa, não pertencendo a nenhum shopping ou coisa parecida. Era um prédio de blocos de concreto pintados de branco, e além da porta da frente não havia nenhuma outra visível. Estacionamos nos fundos, longe da vista da rua e da porta.

Julia precisou subir atrás da van para sair — Bruce havia parado tão perto da parede e embaixo da linha telefônica que ela não conseguiu abrir a porta. Ela usava uma calça jeans boca de sino bem justa, uma camisa xadrez (estrategicamente desabotoada) e um par de botas velhas.

Assim que ela saiu, Bruce foi para a parte de trás da van e deu uma submetralhadora a Eugene e outra a Tommy.

— Essas são simples. S&W M76. Muito bem, esse mecanismo ajusta de disparo simples para automático. Vamos deixar no automático. Apertem aqui para colocar um pente novo. Fácil. Levem um pente extra cada um. É sempre melhor ter um a mais. Agora puxem a alça de carga para carregar uma rodada. Muito bem. Vocês estão prontos.

— E eu? — perguntei.

— Mike, só tenho essas armas, e nenhum dos rifles de caça que havia no cofre de armas da Mary vai ser útil lá dentro — disse Bruce.

— Você vai ficar de olho na porta, cuidando para ninguém entrar atrás de nós. Mas, se alguma coisa acontecer, aqui está uma M1911.

A pistola mais simples que existe. A trava é aqui. Basta usar o polegar. Já está carregada. Basta engatilhar, e está pronta.

Olhei a pistola e avaliei o peso na mão. Era mais pesada do que eu esperava.

— Quantas balas tem aqui?

— Treze — respondeu Bruce.

Apontei a arma para o chão e engatilhei.

Bruce assentiu com a cabeça.

— Basta apontar e apertar o gatilho. Só tente não fazer isso. Muito bem, pessoal. Máscaras. Eugene, você cobre a porta que Julia viu.

Todos vestimos máscaras de esqui. Nós as havíamos comprado em Reno também. Alguém bateu na porta da van, que se abriu. Julia estava lá com duas caixas de balas de espingarda.

— Só o dono. Tem uma porta para uma sala nos fundos, mas estava fechada, então não sei se há alguém lá. Nenhum cliente.

Julia pegou um alicate na van e foi para a frente, a fim de subir e cortar a linha telefônica.

— Certo, pessoal — disse Bruce. — Entramos de uma vez e rápido, antes que o dono tenha a chance de pegar a arma dele. Eugene e eu entramos primeiro, em seguida o Tommy, e então o Mike. Vamos lá!

Bruce e Eugene saltaram da van.

Correram até a porta da frente e abriram. Tommy e eu estávamos logo atrás.

— Nem tente — rosnou Bruce para o homem atrás do balcão, que se abaixou assim que ele entrou pela porta. — Fique de pé bem devagar, seu filho da puta. Mostre as mãos.

O homem se levantou bem devagar.

Eugene pulou por cima do balcão e também apontou a arma para o cara.

A loja estava escura, em comparação com a luz do meio-dia, e o revestimento de madeira nas paredes dava ao ambiente um tom dourado. Havia um balcão de vidro que percorria toda a extensão do lugar, fazendo uma curva e formando um L no final. Atrás deles, as paredes estavam cobertas de armas grandes: espingardas na outra

ponta da loja, rifles de caça a seguir e, por fim, armas de combate — submetralhadoras, armas de assalto e antiguidades. Eu não conhecia armas a ponto de nomear qualquer uma delas, a não ser para dizer que as de assalto se pareciam com as que eu via nas mãos de soldados no Vietnã todas as noites no noticiário da TV. Algumas das submetralhadoras tinham uma vaga semelhança com as nossas, mas outras pareciam minúsculas — eu as havia visto em filmes, empunhadas por guarda-costas. O balcão de vidro estava cheio de pistolas, revólveres... todo tipo de arma pequena. A única coisa do nosso lado do balcão era um armário de munições que ia do teto ao chão.

A porta de aço ficava na ponta final do L. Como deduzimos que não havia porta dos fundos no prédio, devia ser um escritório ou um depósito. Talvez um banheiro.

Tentei mirar a arma no dono da loja e descobri que minha mão tremia demais para mantê-lo à vista. Usei ambas as mãos, e isso não ajudou muito. Senti o suor escorrendo pelas costas. E me virei para vigiar a porta.

— Há três armas apontadas para você — anunciou Bruce. — Você é destro ou canhoto?

— Destro — respondeu o homem.

— Use a mão esquerda, só dois dedos. Pegue sua arma e a coloque em cima do balcão.

Todos o observamos pegar a arma. Eu ficava olhando para a frente e para trás entre o dono da loja e a porta.

— Ponha a outra mão nessa sua careca escrota — disse Bruce.

Ele obedeceu e continuou indo na direção da arma. Então gritou:

— Morris!

A porta de aço se abriu de repente, e um velho atirou às cegas em nossa direção. O dono da loja levantou o cano da espingarda de cano serrado, mas Eugene e Bruce o acertaram em uma cacofonia de tiros. Eu atirei em Morris, uma, duas vezes, e Bruce voltou sua arma para o velho.

Em menos de cinco segundos, estava tudo acabado.

— Bom trabalho — disse Bruce. — Da próxima vez, apenas mire um pouco mais para cima e...

Ambos vimos Tommy ao mesmo tempo. Ele estava jogado na parede dos fundos, atrás de todos nós. Sua camisa verde estava preta de sangue. Caí de joelhos ao seu lado, imediatamente conferindo se ele tinha pulso, sabendo que, é claro, não haveria. Ele tinha levado o disparo da espingarda de Morris bem no peito.

Aquilo não era nada como no cinema. Nenhum olho aberto para realizar um último pedido, para me dizer que estava tudo bem, para fazer uma piada irônica. Ele estava apenas morto.

— A gente precisa dar o fora daqui — falou Eugene.

— Isso foi culpa sua, cretino! — berrei para Eugene. — Você devia estar cobrindo aquela porta dos fundos.

— Eu estava! Assim que vi o cara, atirei.

Senti lágrimas quentes escorrendo pelo rosto.

— Eu estou cagando pra você, cara. Tommy está morto por sua causa, porra.

— Vamos nessa — retrucou Bruce, e apontou para meu braço. — Parece que você foi atingido, Mike.

Pela primeira vez, notei que meu braço direito estava sangrando. Puxei a manga da camiseta e vi dois ferimentos de entrada no ombro. Não estava sentindo nenhuma dor, mas sabia que sentiria em breve.

— Posso fazer um curativo — disse Eugene, segurando meu braço.

— Vai à merda — disparei, arrancando o braço de perto dele.

Eu devia estar vigiando, pensei. Era para eu estar com aquele grupo por causa dos meus instintos, mas do que eles haviam me servido? Do que haviam servido ao Tommy? Eu não devia estar lá. Devia ser John, o Boina Verde, ou Henry, ou Jim ou qualquer outro que soubesse o que estava fazendo. Eu estava ali, devia ter protegido todo mundo, e Tommy estava morto.

Bruce já havia encontrado as chaves das trancas das correntes das armas grandes.

— Pessoal, já disse: vamos nessa.

Julia entrou e viu o corpo de Tommy.

— O que houve? Ah, meu Deus.

— Pois é — disse Bruce. — Ajude a gente aqui.

Não fomos exigentes. Demos um jeito de juntar todos os rifles e espingardas de assalto da loja e levá-los, um em cada mão, até a van. Quando completamos uma camada no piso da van, Bruce e eu estendemos uma lona por cima deles, e Bruce começou a trazer pistolas. Ele mandou Eugene colocar munição em caixas que havia encontrado no depósito.

Bruce me impediu de carregar e mandou Julia fazer um curativo no meu braço — eu estava sangrando por todo canto. Depois que ela fez o curativo, voltei à loja para ajudar com o último carregamento.

Bruce tinha dois rifles de assalto nas mãos e Eugene carregava uma caixa de munição quando ouvimos uma voz:

— Morris, estou tentando falar com você no telefone há dez minutos. O que é essa ligação que recebi sobre tiros...

Um policial entrou na loja. Ele ficou paralisado, olhando de Tommy para mim, Eugene e Bruce.

Ele fez menção de pegar a arma, eu estava com a minha nas mãos — e não tinha um coldre. Disparei, exatamente como Bruce tinha me ensinado, mas mirando um pouco mais para cima: esterno, garganta, queixo, rosto.

Capítulo Treze

Eu me sentei e fiquei observando o xerife enquanto os outros voavam pela loja, enchendo caixas de munição e procurando por qualquer coisa de valor. O tempo parecia ter parado para mim. Vi o rosto do xerife, vi o rosto do policial no protesto, vi o buraco no peito de Tommy.

Bruce encontrou todo o contrabando do Vietnã na sala dos fundos: dezenas de granadas, três minas, cinco coletes à prova de balas, dois rádios portáteis e um morteiro com quatro rodadas. Eu não fazia ideia do que faríamos com metade daquelas coisas. Bruce dirigiu muito devagar de volta à fazenda de Mary. Quando minha cabeça começou a clarear, percebi que ele estava dirigindo cinco quilômetros por hora abaixo da velocidade máxima, não dando à patrulha rodoviária nenhum motivo para pará-lo — e evitando o risco de um solavanco na estrada explodir a van.

Precisávamos deixar Tommy lá, depois de empilharmos os corpos para dificultar a identificação. O prédio era de concreto, mas os expositores das armas eram de madeira, e o resto das paredes tinha revestimento de madeira. A granada incendiária que atiramos na pilha provocaria um bom estrago para a equipe de investigação criminal daquela cidadezinha. Com alguma sorte, eles nem se dariam conta de que havia quatro corpos lá. Um deles era meu colega de quarto. Meu amigo.

Mas nós precisávamos das armas, não? Estávamos tentando salvar o mundo. Havíamos concordado em ser membros ativos do grupo. Se não tivéssemos feito isso, não estaríamos preparados para a missão que nos aguardava. E a gente precisava parar os Jogadores. Precisava. E eu precisava lutar com ainda mais afinco, para que a morte de Tommy não tivesse sido em vão. Eu daria algum sentido à morte dele.

Então me ocorreu uma coisa. O que Mary pensaria quando eu contasse que havia matado uma pessoa? Aquilo era muito pior do que dar um soco em um policial no meio de um protesto. Eu havia acabado com a vida de alguém. O verdadeiro motivo pelo qual eu tinha me envolvido na Linhagem Zero era Mary. O verdadeiro motivo pelo qual havia participado daquele roubo era porque ela havia me dito que não iria em frente sem mim. Mas será que ela ainda iria me querer depois de saber o que eu fizera?

Mary tinha me dito para ir. Ela sabia o que poderia acontecer. Não era com a inocência dela que eu deveria me preocupar — era com a minha. Eu era um assassino.

Eu me senti imundo, coberto de sangue de outras pessoas e do meu próprio sangue. Meu braço ardia e doía ao mesmo tempo. Eu tinha munição dentro de mim — munição do mesmo disparo que havia matado Tommy.

Julia estava no banco do carona enquanto Bruce dirigia. Eugene estava atrás, em silêncio, olhando fixamente pela janela.

Tirei uma caixa de munição do lugar e me abaixei para pegar um rifle de assalto com uma mira telescópica. Vasculhei a caixa de munições até encontrar uma que dizia 7,62x51.

— Julia? Isto aqui é desta arma?

— É — disse ela. — Por que você quer saber?

Bruce me olhou pelo retrovisor.

— Quero ser sentinela. Quero que me deixem na frente quando voltarmos à fazenda.

Eu não poderia ver ninguém na fazenda. Não daquele jeito. Se visse, desmoronaria. Minhas dúvidas sobre o Endgame viriam à tona, e eu não poderia expressá-las. Elas não poderiam ser verdade. Se fossem, tudo estaria perdido.

— Não dá — responderam os dois, quase em uníssono.

— Você nunca disparou essa arma antes — argumentou Bruce. — Eu não vou encarregar você da segurança do acampamento.

— E seu braço vai precisar de cuidados. Tem uma bala aí dentro — disse Julia. — Se não tirar, vai infeccionar.

— Não posso voltar para o acampamento — falei.

— Por que não? — perguntou Bruce. — E é melhor não ter nada a ver com o fato de você ter matado aquele policial. Você salvou nossas vidas.

— Quatro pessoas acordaram bem esta manhã e estão mortas agora. Vidas foram destruídas.

— Vidas são destruídas todos os dias, caramba — disse Bruce. — Em acidentes de carro, incêndios em casas ou uma visita do Departamento de Defesa. Você precisa engolir o choro e se dar conta de que não estamos em um acampamento de escoteiros. Isto é uma guerra. Uma guerra para salvar a humanidade. Infelizmente, haverá baixas.

Olhei para o piso, onde havia pilhas de armas de seis polegadas de altura. Para o sangue cobrindo meu braço e minha camiseta. E para a arma que eu havia usado para matar o xerife. *Não sei se consigo*, pensei.

Bruce saiu da estrada. Eu não havia me dado conta de que estávamos na Fazenda Pinheiro Dourado. Embora soubesse onde os sentinelas estavam, não os vi.

— Kat comprou suprimentos médicos em Reno — disse Julia, sem me olhar. — Ela não é enfermeira de pronto-socorro, mas acho que deve saber suturar um ferimento.

Chegamos ao acampamento e vimos que todos estiveram ocupados. Mesas haviam sido construídas ao redor de uma fogueira de verdade, e pelo visto alguém havia matado um cervo, que estava sendo assado no fogo.

Levei comigo o rifle automático e duas caixas de munição. Ainda tinha a pistola que Bruce me dera, e a enfiei na parte de trás da calça.

O acampamento todo correu na direção da van.

Mary se aproximou correndo e me abraçou, mas a afastei, e ela viu a expressão de dor no meu rosto.

— Mike, o que aconteceu? Kat! Kat! Venha aqui com os primeiros-socorros.

Eu me sentei em um tronco longe do grupo. Larguei os dois coletes à prova de bala que havia levado para mim e Mary e coloquei em cima a pistola e o rifle. Walter me viu pegar os coletes, mas não

disse nada. Eu ia garantir que Mary e eu estivéssemos a salvo. Eles poderiam discutir comigo depois.

— Mike, fale comigo — pediu Mary, ficando de joelhos ao meu lado. — O que aconteceu? Você levou um tiro.

Meu queixo começou a tremer.

— Tommy... ele morreu.

Então, desabei em lágrimas.

O treinamento logo começaria pra valer. Tínhamos uma pilha de munição e armas mais do que suficientes.

John se aproximou, e o encarei com o rosto molhado.

— Mike, sinto muito pelo Tommy, mas você fez a coisa certa ao atirar no xerife — disse ele. — A primeira morte é sempre a mais difícil. Lembre-se: você salvou a missão e protegeu a Linhagem Zero. Estamos um passo mais perto de salvar o mundo do Endgame.

Ele começou a se afastar, depois parou, e virou-se para mim mais uma vez.

— Vamos fazer um funeral para o Tommy esta noite.

— Estaremos lá — disse Mary.

Kat se ajoelhou na terra e puxou minha manga encharcada de sangue.

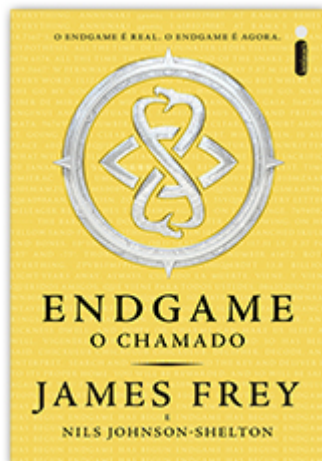
— Parece pior do que é, Mike. Você vai ficar bem. Muito bem.

Era mentira. Uma mentira deslavada. Eu nunca mais ficaria bem.

SOBRE O AUTOR

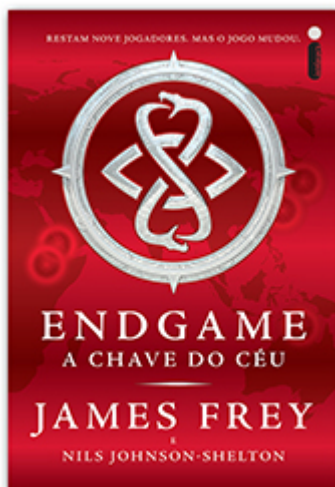
JAMES FREY é o fundador da Full Fathom Five, empresa responsável pela criação da bem-sucedida série *Os Legados de Lorien*, também publicada pela Intrínseca, que deu origem à adaptação cinematográfica *Eu Sou o Número Quatro*, produzida por Steven Spielberg e Michael Bay. James Frey mora em Nova York com a esposa, a filha e o cachorro.

CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



[*Endgame: O Chamado*](#)

[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)



[*Endgame: A Chave do Céu*](#)

[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)



[Diários de treinamento: Origens](#)

[James Frey](#)



[Diários de treinamento: Descendência](#)

[James Frey](#)



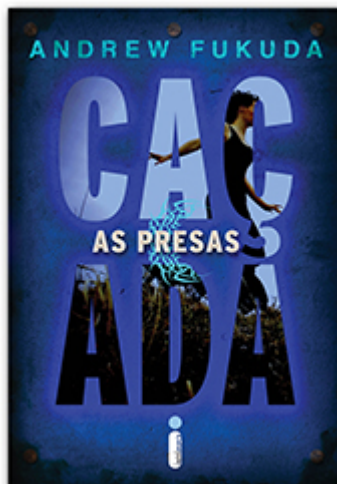
Diários de treinamento: Existência

James Frey.

LEIA TAMBÉM



[*A Caçada*](#)
[Andrew Fukuda](#)



[*As Presas*](#)
[Andrew Fukuda](#)



[*Silo*](#)
[Hugh Howey.](#)



[*Ordem*](#)
[Hugh Howey.](#)



[Half Bad](#)
[Sally Green](#)



[Half Wild](#)
[Sally Green](#)



[Half Lies](#)
[Sally Green](#)



[Aniquilação](#)
[Jeff Vandermeer](#)



[Autoridade](#)
[Jeff Vandermeer](#)



[Aceitação](#)
[Jeff Vandermeer](#)